



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
EDVALDO SOUSA DO Ó – CAMPUS I  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**CARLOS ARTHUR DA SILVA SANTOS**

***UNDERGROUND HEAVY METAL EM CAMPINA GRANDE: 1985-1995***

**CAMPINA GRANDE - PB  
2016**

**CARLOS ARTHUR DA SILVA SANTOS**

***UNDERGROUND HEAVY METAL EM CAMPINA GRANDE: 1985-1995***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em História.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Patrícia Cristina de Aragão Araujo.

**CAMPINA GRANDE**

**2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S237u Santos, Carlos Arthur da Silva  
Underground heavy metal em Campina Grande [manuscrito] :  
1985-1995 / Carlos Arthur da Silva Santos. - 2016.  
79 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.  
"Orientação: Profa. Dra. Patrícia Cristina de Aragão Araujo,  
Departamento de História".

1. Historiografia 2. Movimento Underground 3. Heavy  
Metal - Gênero musical 4. Rock I. Título.

21. ed. CDD 907.2

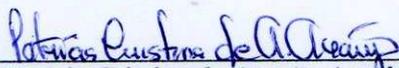
**CARLOS ARTHUR DA SILVA SANTOS**

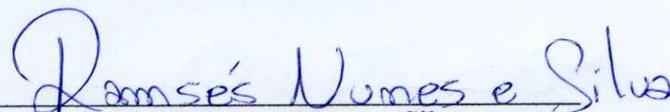
**UNDERGROUND HEAVY METAL EM CAMPINA GRANDE: 1985-1995**

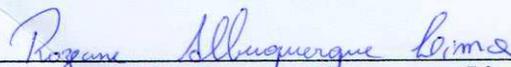
Trabalho de Conclusão de Curso em forma de monografia apresentado ao Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciando (a) em História.

Aprovada em: 21/10/2016.

**BANCA EXAMINADORA**

  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Patrícia Cristina de Aragão Araújo (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
Prof. Dr. Ramsés Nunes e Silva  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
Prof.<sup>a</sup> Ms.<sup>a</sup> Rozeane Albuquerque Lima  
Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco  
(PPGH/UFPE)

A mim mesmo.

*“Visita Interiorem Terrae, Rectificandoque,  
Invenies Occultum Lapidem”.*

218

## AGRADECIMENTOS

A minha família pelo suporte todos esses anos de curso principalmente na figura do meu pai Carlos Alberto da Silva Santos, da minha mãe Maria Eliete da Silva Santo e da minha irmã Edcarla da Silva Santos.

A meus amigos leais e guerreiros que me dão suporte financeiro e ético quando preciso e por compartilharem os momentos de ressaca e as noites infernais ao longo dos eventos por esse Nordeste diabólico. Hail's 666.

As legiões infernais que nos guiam nas batalhas do dia a dia. Ave o caminho da mão esquerda.

Ao underground e as bandas que fazem parte deste meio por manterem o Metal vivo e respirando arrastando ainda mais legiões de guerreiros leais.

A Charlie Curcio que possibilitou o acesso a maioria das fontes presentes neste trabalho. Kedma Villar por possibilitar a minha entrada no grupo no *Facebook* Metal Forces, onde pude obter importantes fontes, e a Pablo Ramires por possibilitar as fontes sobre o Ostia podre. Meus sinceros agradecimentos.

A todos os professores da graduação e do ensino básico, em especial a Rosa Maria, Lucimário Nascimento, Ramsés Nunes, Adilson Filho, Luíra Freire, Matusalém, Adonhiran Ribeiro e Anselmo Ronsard que de alguma forma contribuíram para a minha formação do meu ser durante a minha passagem carnal.

Aos companheiros de curso que de qualquer forma nos influenciaram em nossa passagem pela universidade com magníficas experiências.

A professora Patrícia Cristina por ter aceitado a orientação deste trabalho para os fins burocráticos da instituição.

A Maria Helena Tuane Queiroz (A.K.A. Panda) pela companhia nesses quatro anos de curso, e como não bastasse ainda dividimos a orientadora, pela ajuda nas horas de necessidade e pelas madrugadas compartilhadas na construção de nossos trabalhos.

A Momyke do Nascimento Crispiniano (A.K.A. Pagu) por ser uma companheira que compartilhou de madrugadas aflitas no desenvolvimento e correções de nossos trabalhos, e pela convivência nesses quatro anos de curso, uma amizade linda que começou numa conversa “super interessante” sobre Nietzsche e que se estende até os dias atuais sob choro e brigas.

As importantíssimas contribuições da professora Rozeane Albuquerque Lima que serviram de base para a criação deste trabalho e também para os trabalhos nas disciplinas de

estágio, enriquecendo com as discussões em sala de aula e nas reuniões de TCC, agradeço pelos puxões de orelha em que faziam as meninas se desesperarem enquanto eu ria, e pela paciência nesses longos meses de orientação sob o pacto de ter que sorrir em fotos.

*The philosopher*  
*You know so much about nothing at all*  
*Ideas that fall under shadows of theories that*  
*stand tall*  
*Thoughts that grow narrow upon being*  
*verbally released*  
*Your mind is not your own*  
(Death – “The philosopher” 1993)

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a cena underground do Heavy Metal em Campina Grande. Primeiro começamos com a história do Heavy Metal desde o seu surgimento na Inglaterra no ano de 1970, até a chegada ao Brasil no início da década de 1980, dando ênfase a duas bandas pioneiras no gênero no país: Stress e Shock. Em seguida discutimos o underground campinense e o seu contexto, dando ênfase as principais bandas que surgiram no período e suas concepções ideológicas. Para a análise dessa tribo utilizamos das fontes documentais disponibilizadas pelos próprios membros que vivenciaram o surgimento e consolidação da cena Heavy Metal na cidade, e que em grande maioria produzida por eles mesmos. Como aporte para a história do Heavy Metal em campina utilizamos a trabalhos já publicados no Brasil com a temática relacionada ao Metal e o usamos como aporte os trabalhos de Stuart Hall (2000; 2006) e de Michel Maffesoli (2010), além de documentários e músicas. Por fim analisamos a relação entre underground e mainstream, e os meios de comunicação utilizados pelos headbangers e a análise do show como um meio de socialização entre os membros da tribo.

**Palavras-Chave:** Heavy Metal. Underground. Campina Grande.

## ABSTRACT

This academic work goals to analyze the underground Heavy Metal scene in Campina Grande. First of all we begin with the Heavy Metal History which rise in the 1970's, until its appearance in Brazil in the 1980's, giving emphasis on the two pioneer bands of this genre in the country: "Stress" and "Shock". Then, we are going to discuss about Campina Grande's underground and its context, emphasizing the main bands which emerged on this period and its ideological conceptions. In order to analyze this specific tribe we have used documentary sources provided and in Its majority also produced by the ones who had lived rising and consolidation of the Heavy Metal scene in the town. As theoretical support about Heavy Metal History in Campina Grande we have used already published academic works in Brazil with the same theme, we reflect with Stuart Hall (2000; 2006), and Michhel Maffesoli (2010), and also documentaries and songs. Lastly, we are going to analyze the relation between underground and mainstream e the communication ways used by the headbangers and analyze the concert as a way of socialization among members of that tribe.

**Keywords:** Heavy Metal. Underground. Campina Grande.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

|   |    |
|---|----|
| Figura 1 Capa do primeiro disco do Black Sabbath 1970 .....   | 23 |
| Figura 2 Contracapa à esquerda e capa a direita do disco “Witchcraft Destroys Minds & Reaps Souls” do Coven. .... | 25 |
| Figura 3 Capa interna do disco “Witchcraft Destroys Minds & Reaps Souls” do Coven.....                            | 25 |
| Figura 4 Capa do disco "Flor Atômica" do Stress.....  | 31 |
| Figura 5 Recorte de jornal da época .....   | 38 |
| Figura 6 Release N° 2 do Ostia Podre .....  | 47 |
| Figura 7 Logo do Abaddon.....   | 48 |
| Figura 8 Logo do Caveira.....   | 49 |
| Figura 9 Logo do Gore Vomit .....   | 50 |
| Figura 10 Logo do Krueger .....   | 50 |
| Figura 11 Logo da Mortífera .....   | 51 |
| Figura 12 Logo do Nephastus.....  | 51 |
| Figura 13 Logo da Stomachal Corrosion.....  | 52 |
| Figura 14 Recorte de jornal pertencente ao acervo no grupo do Facebook Metal Forces. ....                         | 57 |
| Figura 15 Página de endereços da Crazy Invasion N° 1 .....  | 60 |
| Figura 16 Capa da primeira edição da zine Crazy Invasion (1990). ....   | 62 |
| Figura 17 Cartaz do Primeiro show no Bar da Beta.....   | 67 |
| Figura 18 Segundo show e ultimo no Bar da Beta. ....  | 68 |
| Figura 19 Ingresso do Show do Sepultura em Campina Grande.....  | 70 |
| Figura 20 Cartaz principal do Show do Sepultura em Campina Grande.....  | 70 |
| Figura 21 Cartaz secundário do Show do Sepultura em Campina Grande. ....  | 71 |
| Figura 22 Cartaz do Mortífera abrindo para Chakal em Recife. ....   | 72 |
| Figura 23 Cartaz do show do Kreator em Recife com a participação do Nephastus. ....                               | 73 |

## LISTA DE ABREVIACOES E SIGLAS

|        |  |
|--------|--|
| AL     | Alagoas                                |
| CD     | Compact Disc                           |
| CE     | Ceará                                  |
| C.E.U. | Clube dos Estudantes Universitários    |
| C.G.   | Campina Grande                         |
| CUCA   | Centro Universitário de Cultura e Arte |
| DEMO   | Demonstração                           |
| EP     | Extended Play                          |
| LP     | Long Play                              |
| MPB    | Música Popular Brasileira              |
| NWOBHM | New Wave of British Heavy Metal        |
| PB     | Paraíba                                |
| PE     | Pernambuco                             |
| RN     | Rio Grande do Norte.                   |

## SUMÁRIO

|   |           |
|---|-----------|
| <b>1 INTRODUÇÃO .....</b>   | <b>12</b> |
| <b>2 CAPÍTULO I – HEAVY METAL: DA FORMAÇÃO A SUA CONSOLIDAÇÃO NO BRASIL .....</b> | <b>17</b> |
| <b>2.1 O nascimento dos bastardos.....</b>  | <b>21</b> |
| <b>2.2 A segunda geração do Metal: New Wave of British Heavy Metal .....</b>      | <b>26</b> |
| <b>2.3 Heavy Metal no Brasil .....</b>  | <b>28</b> |
| <b>3 CAPITULO II – O <i>UNDERGROUND</i> CAMPINENSE .....</b>                      | <b>36</b> |
| <b>3.1 O desenvolvimento .....</b>  | <b>37</b> |
| <b>3.2 O contexto .....</b>   | <b>43</b> |
| <b>3.3 As bandas.....</b>   | <b>46</b> |
| <b>4 CAPÍTULO III – WELCOME TO RITUAL, WELCOME TO DEATH .....</b>                 | <b>53</b> |
| <b>4.1 Underground e Mainstream .....</b>   | <b>54</b> |
| <b>4.2 Meios de difusão de informações .....</b>                                  | <b>58</b> |
| <b>4.3 Os Shows.....</b>  | <b>64</b> |
| <b>5 CONCLUSÃO.....</b>   | <b>74</b> |
| <b>REFERÊNCIAS .....</b>  | <b>76</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

Campina Grande é uma das maiores cidades do interior do Nordeste e é classificada com a alcunha de cidade do Maior São João do Mundo, típica festa realizada no mês de junho onde o ritmo musical que impera é forró. Porém se afirmarmos que Campina Grande é reconhecida apenas pela festa junina, que tem duração de trinta dias, estaremos caindo em um mero engano. Campina Grande é uma cidade que não apenas produz forró e forrozeiros; há espaço para outras tribos também poderem se expressar, mesmo que tal espaço seja sufocado pela alcunha acima citada.

Uma das principais forças contraculturais do mundo moderno, o *Heavy Metal*<sup>1</sup>, um gênero musical vertente do Rock n' Roll surgido no início dos anos 70 do século XX e que teve seu também apogeu na década de 80 do mesmo século, chegando a ser um dos gêneros musicais mais populares do mundo, teve espaço na cidade de Campina Grande, mesmo que essa força se submeta a manter-se somente no *underground*<sup>2</sup>. O *Heavy Metal* campinense é até hoje uma força particular no underground brasileiro, e desde o seu status embrionário, na segunda metade da década de 80 do século XX<sup>3</sup> até os dias atuais, Campina Grande ainda é uma referência na produção do *Heavy Metal* e seus variados subgêneros<sup>4</sup>.

Contudo a história da consolidação dessa tribo em terras paraibanas e mais especificamente na cidade de Campina Grande ainda permanece sem uma devida análise acadêmica, ou seja, ela existe para os *headbanges* (termo utilizado para caracterizar um fã de *Heavy Metal*, e vem da palavra *headbanging* que é uma forma de dança que consiste em balançar a cabeça no ritmo da música) da região, mas não aos olhos da historiografia local, tornando esse o principal fator de motivação para o estudo e análise de tal movimento em nível local já que essa é a primeira pesquisa que se esforça em analisar a cena local, e também pelo fator do autor deste trabalho ser também um *headbanger* de Campina Grande<sup>5</sup>, que possui o desejo desde o início de sua graduação, de trazer a discussão sobre a consolidação do *Heavy Metal* campinense na segunda metade da década de 80 do século XX e o início da década de 90.

---

<sup>1</sup> Gênero musical vertente do Rock n' Roll surgido no início dos anos 70 do século XX e que teve seu apogeu na década de 80 do mesmo século, chegando a ser um dos gêneros musicais mais populares do mundo.

<sup>2</sup> Subterrâneo em tradução livre. Termo dado às bandas que não tem o apoio da grande mídia e que em sua maioria produzem matérias de divulgação de forma independente.

<sup>3</sup> A festa do Maior São João do Mundo surgiu paralelamente a estes acontecimentos.

<sup>4</sup> Com a consolidação do Heavy Metal no início dos anos de 1980 veio posteriormente surgir subgêneros como o Thrash Metal (não confundir com "Trash", que em tradução livre significa "lixo"), Death Metal, Speed Metal, Black Metal e etc.

<sup>5</sup> O autor deste trabalho frequenta a cena underground Heavy Metal de Campina Grande desde 2009.

O debate que o presente trabalho trará é uma análise de como se consolidou a cena *Heavy Metal* campinense na segunda metade dos anos de 1980. Mas o grande questionamento que surge é: como uma cidade do interior de um estado pobre e marcado pelo o caráter identitário da cultura nordestina do forró, possui em seu subterrâneo uma força que caminha na contra mão da característica cultural da cidade? Como que se tinha acesso a tais informações de bandas que vinham de outros estados do Brasil e de outros países? Para responder tais indagações utilizaremos um arcabouço de fontes coletadas através da rede social *Facebook* que são registros da época como fãzines, releases, cartazes de shows, além de entrevistas em revistas especializadas. Tais fontes nunca foram estudadas, mas fazem parte das recordações daqueles que vivenciaram tal período da história de Campina Grande.

A pesquisa foi desenvolvida através das análises dos principais fatos que levaram à construção da cena *Heavy Metal* no Brasil até a sua chegada à cidade de Campina Grande. Também serão analisadas músicas do *Heavy Metal* brasileiro que traduzem o sentimento dos que fizeram e fazem parte dessa tribo no Brasil. Em nível local será realizado um mapeamento dos espaços utilizados para encontros e para realizações de shows do gênero na cidade, e também a análise do meio de comunicação e de divulgação das bandas de Metal em Campina Grande.

No Brasil já foram publicados trabalhos sobre *Heavy Metal* em diversas áreas como a antropologia, geografia, letras, sociologia e do jornalismo. Trabalhos como o de Silva, W. J. F. (2014), Silva, J. L. (2008), Vasconcellos (2015), Oliveira Junior (2011), Cardoso Filho (2006), Leite Lopes (2006), Campoy (2008) Nakamura (2009) entre outros que analisam o *Heavy Metal* em nível local, nacional e mundial, trabalhos que são significativos, pois demonstram o quanto o *Heavy Metal* é uma temática que vem mostrando ser bastante desbravada dentro das ciências sociais como um todo.

A demanda também conta com o aporte teórico de Hall (2000; 2006) e o seu conceito de “identidade” no mundo globalizado, partindo desse ponto, Hall investigou o descentramento do sujeito moderno que vivia com a visão baseada em uma identidade fixa e centrada para um sujeito pós-moderno que agora não é possuidor de uma, mas de várias identidades conflitantes existentes no mundo, através de um processo de “identificação” o sujeito dessa pós-modernidade e aproxima de determinadas identidades para o compartilhamento de experiências. Também não poderia faltar à contribuição de Maffesoli (2010) que tornou o conceito de “tribo urbana” popular no mundo todo e que também é um dos pilares deste trabalho, através do que Maffesoli chamou de “neotribalismo”, que são comunidades afetuais em que o sujeito se insere pelo “sentimento de pertença” constrói redes

de relações fluidas caracterizadas pelo ajuntamento e pela dispersão, essas comunidades afetuais compartilham de todo um padrão visual e de uma ideologia em que os que fazem parte comungam. Tais conceitos ajudaram a pensar a tribo dos *Headbangers* em Campina Grande e o seu caráter identitário não como um fato isolado, mas apontando para um processo globalizante que ocorreu em várias cenas locais no mundo inteiro.

As fontes que são utilizadas para este trabalho são em sua maioria registros publicados pelos próprios *headbangers* que faziam parte da cena *Heavy Metal* em Campina Grande ou em outras localidades no período estudado, como fãzines, releases e cartazes de divulgação de show. Também foram utilizadas como fontes, revistas especializadas em *Heavy Metal*, e o documentário “*Tá sentindo cheiro de queimado ai?*” que foi produzido no ano de 1988, mostrava como era a cena do *Rock/Heavy Metal* paraibano e que se encontra disponível no *Youtube*, entrevistas e músicas de *Heavy Metal* dos anos de 1980. Também foram inseridos como fonte os trabalhos acadêmicos que contam a história do *Heavy Metal* brasileiro, além de servir como base para escrita deste trabalho, e documentários sobre o surgimento e consolidação do *Heavy Metal* a nível mundial.

A maior parte das fontes impressas foram digitalizadas e publicadas na rede social *Facebook* no perfil pessoal de Charlie Curcio (Stomachal Corrosion), e no grupo *Metal Forces*, tendo também a contribuição de Pablo Ramires (ex-baterista da Ostia Podre) que nos forneceu fontes do Ostia Podre. Outras fontes estão hospedadas no *MySpace* oficial da banda *Nephastus* e no blog *Retalhos Históricos de Campina Grande*, assim como algumas informações sobre as bandas campinenses foram coletadas no site *Metal Archives*.

A maior problemática em relação às fontes é o fator do desgaste temporal que impossibilitou a visualização de algumas páginas de alguns releases e páginas das zines, e também a falta de páginas em alguns números da *Crazy Invasion*, também foi notado alguns conflitos entre fontes, onde algumas apontavam uma determinada data para o início de uma banda enquanto outra fonte apontava outra, o mesmo valia para a data de encerramento das atividades, a exemplo da Mortífera que veremos mais adiante no segundo capítulo. Ainda seguindo no quesito data, algumas fontes, no caso específico dos cartazes de shows, se apresentavam sem o ano do evento, ou sem apresentar uma especificação do dia ou do mês do show, porém essas fontes entraram no bojo do trabalho por conter a participação de bandas campinenses que estavam na ativa durante o período estudado.

Para responder as indagações de como se formou a tribo dos *headbangers* em Campina Grande dividimos sistematicamente o trabalho em três capítulos: *Heavy Metal*: da formação a sua consolidação no Brasil; O *Underground* campinense; Welcome to Ritual,

Wecolme to Death. Ao mesmo tempo em que ambos os capítulos dialogam entre si, eles também são independente podendo ser lidos em qualquer ordem.

No primeiro capítulo intitulado de “*Heavy Metal: da formação a sua consolidação no Brasil*” traz a história do *Heavy Metal* desde as contribuições de bandas como o *Coven* que mesmo não sendo uma banda de *Heavy Metal*, já produzia uma música com características do que se tornaria o Metal, e o lançamento do primeiro disco do *Black Sabbath*, considerado o marco inicial da história do *Heavy Metal* até o seu desembarque em terras brasileiras e paraibanas através de bandas como o *Stress* e o *Shock*, abordando o contexto social em que o surgimento do Metal estava inserido, e também de quando ele chega ao Brasil.

É importante destacarmos que a escolha do recorte temporal do trabalho, que vai de 1985 até 1995, portanto, uma década de história, se dá por dois motivos: o primeiro é que no ano de 1985 acontece, junto com o fim da Ditadura Militar brasileira, o festival do *Rock in Rio* que foi transmitido através da TV aberta brasileira e que contou com grandes nomes do Metal mundial como *Ozzy Osbourne*, *Iron Maiden*, *AC/DC* e *Scorpions* tais shows foram bastante significativos, pois muitos jovens conheceram o Metal através do festival e viram que o movimento era muito forte pela grande quantidade de *Headbangers* que compareceram ao festival, demonstrando que a existência dessa tribo no Brasil já era maciça, porém até o presente momento desconhecida pela maioria, mas por que em nossa pesquisa detectamos que as bandas de Metal de Campina Grande surgiram depois de 1985, e, conseqüentemente, os shows; o segundo motivo é que em 1995 a cena Metal campinense já se encontrava solidificada com uma presença de shows regulares e um número considerável de bandas, e também por que ao completar o ciclo de uma década do festival do *Rock in Rio* acontece a chegada da *Internet* no Brasil, ferramenta essa que mudará toda a lógica de comunicação nos lares brasileiros. Não queremos afirmar que a *Internet* foi um fato de que mudou essa lógica de forma rápida logo assim que ela chega ao Brasil, mas porque a maioria das nossas fontes vão até o ano de 1995, e também pelo fator que na segunda metade dos anos de 1990 algumas bandas aqui estudadas não existiam mais ou mudaram de localidade, então a decisão de fechar o trabalho com apenas dez anos de história foi mais cabível, e mesmo com a possibilidade de trazermos a discussão para os anos 2000, caímos no nebuloso receio de todo historiador de produzir uma história ainda muito verde e que segue uma lógica um pouco diferente dos anos estudados.

O segundo capítulo denominado de “O *underground* campinense” trata-se do panorama em que se constituiu a cena *underground* em Campina Grande, tendo em vista que os shows não apenas recebiam um público proveniente da cidade, mas se constituíam com

sujeitos de outras cidades nordestinas, estabelecendo assim um fluxo de diálogo entre a cena de diversas localidades como Caruaru (PE), Recife (PE), Fortaleza (CE), Natal (RN), Maceió (AL) e João Pessoa (PB). Também foi abordada a questão do conflito entre o *Heavy Metal* e a Igreja Cristã desde os primórdios em que o estilo surgiu, discutindo o processo de identificação na qual um jovem passava até aderir a cena além de também discutir o contexto em que se dava as relações dentro do *underground*, e por fim apresenta as bandas que fizeram parte do *underground* campinense entre 1985 e 1995.

O terceiro e último capítulo tem como título “Welcome to Ritual, Welcome to Death”<sup>6</sup> que é um trecho da música “Ritual” do Óstia Podre e que define muito bem o conteúdo do capítulo, em específico o show de *Heavy Metal*. Primeiramente discutimos a diferença entre *underground* e *mainstream* e o diálogo e conflito existentes nesses dois campos que permeiam o Metal, posteriormente tocando no assunto recorrente aos meios de comunicação utilizados pelos participantes do *underground* campinense, numa época em que se usava muito do sistema de Correios para manter-se informado com o que acontecia no Brasil e no mundo quando se refere ao *Heavy Metal*, além da constante busca de fanzines em que trazia novidades e entrevistas com bandas do *underground* nacional, nesse ponto usamos como fonte a fanzine *Crazy Invasion* que era editada em Campina Grande por Charlie Curcio (Stomachal Corrosion). Discutimos também os espaços utilizados tanto para encontros como para a realização de shows na cidade de Campina Grande e o show em si, tendo em vista que na cidade os locais para shows eram públicos e privados, e não importava muito as condições estruturais do local, o importante era tocar, e dentro desse arcabouço também entendemos que o show é um espaço não apenas para a contemplação de um espetáculo, mas é um âmbito de socialização entre *headbangers* e de troca e venda de materiais diversos do universo do Metal, funcionando como um espaço onde todos os que se encontrem no local se comportem e se vistam de acordo de como a tribo também faça aquele espaço e tempo.

---

<sup>6</sup> Bem vindo ao Ritual, Bem vindo a Morte em tradução livre.

## 2 CAPÍTULO I – HEAVY METAL: DA FORMAÇÃO A SUA CONSOLIDAÇÃO NO BRASIL

Desde 1968 o mundo veio se transformando através da contracultura, pelo qual jovens começaram a agir de forma rebelde contra os conceitos da moral judaico-cristã americana, baseados no alto consumismo e na privação da liberdade seja ela sexual ou ideológica, que sempre esteve mais presente no mundo ocidental. A contracultura não nasceu em 1968, mas atingiu o seu auge justamente nesse ano marcado por diversos protestos por todo o planeta em oposição à Guerra do Vietnã, contra as armas nucleares, contra o racismo e a favor do feminismo, tudo isso atrelado ao nascente movimento *Hippie* que pregava a paz e o amor no mundo e que teve como um grande ato, a reunião de milhares de jovens no festival de música de *Woodstock*.

A rebeldia juvenil já era oriunda desde os anos de 1950, em que o *rock n' roll* estava dando os seus primeiros passos e que teve em Elvis Presley um ícone para a juventude da época, e que também serviu para difundir o *Rock n' Roll* para a juventude branca. A música produzida por Elvis, que tinha forte influência do Chuck Berry que fez parte da primeira geração de artistas a popularizar o *rock n' roll*, não tinha em suas letras o caráter de protesto, mas a sua influência rebelde estava na forma de dançar o *rockabilly* no palco<sup>7</sup>.

O *Heavy Metal*<sup>8</sup>, filho do *rock n' roll* com *blues*, nasceu numa época de uma grande efervescência na contracultural mundial, principalmente em uma época marcada pelas grandes manifestações estudantis de 1968 e também pelo *Festival de Woodstock* nos Estados Unidos em 1969, onde jovens de classe média tentaram dar um basta a um modelo de vida baseado no consumismo e na desigualdade social. A utopia se baseava no slogan “Paz e Amor” que tanto pregavam os participantes do movimento *Hippie*, que tinha fortes influências do movimento *beat*<sup>9</sup> dos anos de 1950. Essa era a nova maneira de se fazer *Rock n' Roll*, que agora ganhava o elemento contestador mais forte em suas canções, não era mais o mesmo *Rock n' Roll* dos

<sup>7</sup> A forma que Elvis Presley dançava o seu *rockabilly* no palco não agradou a sociedade conservadora americana, por isso que nas apresentações para TV a sua imagem era focada da cintura para cima. Ver Silva, W. J. F. (2014).

<sup>8</sup> Gênero musical que surgiu no final dos anos 60 e início dos anos 70 do século XX. O *Heavy Metal* ou também conhecido somente como *Metal* começou ser dividido em diversos subgêneros a partir dos anos de 1980 como o *Thrash Metal*, *Death Metal*, *Black Metal*, etc.

<sup>9</sup> O movimento *beat* foi um movimento literário do final dos anos de 1950 que influenciou diretamente o movimento *hippie* anos mais tarde. Quem fazia parte desse movimento cultural, geralmente levava uma vida nômade e boêmia. Um dos escritores mais famosos da geração *beat* foi Jack Kerouac, que ficou conhecido com o seu romance *On the Road*, livro que foi escrito em três semanas.

anos 50 onde os ídolos eram marcados por serem rebeldes só na maneira de se portar diante do palco.

Desde 1967 o mundo musical havia produzido muito do que seria usado como ícones da contracultura, como por exemplo, *Janis Joplin*, *The Doors* e *Jimi Hendrix*, muitos outros produziram antes mesmo de 1967 como *The Rolling Stones* e o próprio *The Beatles*. Esse movimento contracultural do final dos anos 1960 gerou bons frutos para as gerações posteriores do rock mundial e o reflexo disso foi o próprio festival de Woodstock nos Estados Unidos.

Porém a utopia do “Paz e Amor” que tanto pregava o movimento *Hippie*, logo se tornou alvo de críticas e seria abandonada pela geração seguinte, como na canção “*Eu sou egoísta*” de Raul Seixas, em que ele afirma “*que a guerra é o produto da paz*”<sup>10</sup>, declarando assim que a ideologia *Hippie* não fazia sentido algum quando comparado a outras realidades diferentes das dos jovens de São Francisco nos Estados Unidos, como por exemplo a Guerra do Vietnã (1955-1975) e a tragédia do show gratuito do *Rolling Stones* realizado em um palco pequeno e improvisado no ano de 1969 na cidade de Altamont no estado da Califórnia, quando foi contratado pela própria banda um grupo de motociclistas denominados *Hells Angels*<sup>11</sup> para fazer a segurança do local do show, como o local estava muito lotado acarretou muitas brigas, e numa delas um dos membros da segurança contratada pela banda esfaqueou um jovem negro o levando a óbito. Tais exemplos mostram que o mundo não mudaria apenas com o uso de flores nos cabelos, o *Heavy Metal* surgiu na Europa, mais precisamente na Inglaterra, por garotos que nasceram e viveram em um período pós-Segunda Guerra Mundial onde o cenário era de destruição causada pela guerra e uma vida calcada na fábrica.

O exemplo do show do *Rolling Stones* em Altamont serviu de assunto principal para os que eram os conservadores que se posicionavam contra a o movimento *Hippie*, assim era a derrocada da ideologia *flower power*<sup>12</sup> como explica Silva, W. J. F. (2014, p. 34):

Este fato é bastante divulgado nos Estados Unidos pelos jornais escritos e televisionados e bastante explorado pelos detratores da contracultura e dos hippies. Nesse momento, boa parte dos entusiastas que acreditavam no slogan dos hippies começa a voltar para casa, cansados e frustrados, substituindo suas antigas esperanças por uma nova forma de ver o mundo. Esse sentimento se torna a tônica de parte da juventude dos anos 1970 e seus efeitos sobre o rock são imediatos, ocorrendo várias subdivisões do estilo, tendo uma parte desses jovens músicos

<sup>10</sup> LP *Novo Aeon*, 1975.

<sup>11</sup> Anjos do Inferno em tradução livre.

<sup>12</sup> Poder das Flores em tradução livre. O Flower Power foi ideia principal do movimento Hippie que tinha em seu bojo a ideologia da não-violência.

procurando consolidar um tom mais erudito ao rock, com o folk-rock e o rock progressivo, e outra parte procurado algo mais forte, pujante e que tivesse um maior impacto ao vivo. É desse último sentimento que surge o Heavy Metal (sic).

Raul Seixas também faz outra crítica a ideologia “paz e amor” na música “*É fim de mês*”<sup>13</sup> como podemos ver no trecho seguinte:

*... Já fui pantera, já fui hippie, beatnik  
Tinha o símbolo da paz pendurado no pescoço  
Porque nego disse a mim que era o caminho da salvação  
Já fui católico, budista, protestante  
Tenho livros na estante, todos tem explicação  
Mas não achei! Eu procurei!  
Pra você ver que procurei  
Eu procurei fumar cigarro Hollywood  
Que a televisão me diz que é o cigarro do sucesso  
Eu sou sucesso! Eu sou sucesso!  
No posto isso encho o tanque do meu carrinho  
Bebo em troca meu cafezinho, cortesia da matriz  
"There's a tiger no chassis"<sup>14</sup>...*

O trecho acima tem como crítica o fato de tais segmentos acreditarem que tais caminhos sejam a salvação, assim como pregam as religiões cristãs de vertente católica e protestante, que tem muitos livros que contém a explicação, nesse momento acontece uma das viradas presentes na letra e na melodia da música. Anteriormente a música seguia o ritmo do baião e a partir do verso “Mas não achei! Eu procurei” a música muda para o ritmo da salsa. Seguindo a análise desse trecho, podemos perceber que o eu lírico da canção afirma que não achou a salvação ou a explicação retornando a fazer coisas comuns que a grande massa fazia como “*fumar cigarro Hollywood*” abastecer no posto Esso que eram coisas do “sucesso”.

Raul Seixas não gostava de misturar gêneros musicais, porém utilizava da “*colagem*”<sup>15</sup> de ritmos, uma hora a melodia seria um *rock n’ roll* e em outra parte a música poderia mudar para o baião, no caso da música “*É fim do mês*” Raul Seixa utilizou quatro ritmos musicais distintos, no começo é um ritmo africano com um berimbau ao fundo, na segunda parte é um baião, na terceira parte é uma salsa com ausência de instrumentos metalizados como saxofone, na quarta parte retorna ao ritmo africano do começo, na quinta parte Raul canta a letra da música de forma mais melancólica acompanhado por uma batida lenta de bumbo de bateria ao fundo, na sexta parte a música muda para o *Rock n’ Roll* característico da obra de Raul, na sétima parte muda para um baião uma pouco mais

<sup>13</sup> LP *Novo Aeon*, 1975.

<sup>14</sup> O verso “*There's a tiger no chassis*” que em tradução livre significa “*Há um tigre no chassi*” é um trocadilho com os comerciais de TV da rede Esso de postos de combustíveis, que utilizava um tigre como mascote e ao final do comercial era dita a frase “ponham um tigre no seu carro”.

<sup>15</sup> SILVA, S. J. (2014, p. 69-72).

acelerado, na oitava volta para salsa, a música termina com vozes gritando o verso “É fim do mês” enquanto outra voz ao fundo reclama do preço da batata.

Baseando nessa ideia de que o mundo não era mais “*Paz e Amor*”, que do outro lado do Oceano Atlântico, na cidade de Birmingham na Inglaterra, é que o *Heavy Metal* começa a dar os seus primeiros passos. Foi em Birmingham, uma cidade que havia sido praticamente destruída na segunda guerra mundial, e que também era uma cidade marcada pelas fábricas de metal, passava um clima bem diferente do que os pregadores da “paz e amor” de San Francisco nos Estados Unidos. Enquanto em San Francisco no final dos anos de 1960 a juventude vivia em clima de harmonia e amor livre, em Birmingham a situação era diferente, com prédios ainda bombardeados da época da segunda guerra, pois era repleta de fábricas metalúrgicas, e justamente numa dessas fábricas houve um acidente que mudaria a vida do jovem Tony Iommi.

Em 1968 Tony Iommi perdeu a ponta de dois dedos da sua mão direita na fábrica em que trabalhava, pelo fato de ser canhoto ele utilizava a mão direita para formar as notas no braço de sua guitarra, sendo assim foi informado de que nunca mais poderia tocar guitarra. Porém teve a ideia de derreter tampas de plástico nos dedos nos quais ele tinha perdido suas pontas, a fim de fazer uma prótese que o ajudasse a tocar, em consequência disso ainda doía ao fazer força nas cordas, mas a partir daí ao folgar as cordas da guitarra para baixar a afinação e diminuir a tensão das cordas a fim de ficar mais fácil a utilização do seu instrumento sem precisar fazer muita força, o que deixou a timbragem de sua guitarra mais grave, é que veio sair à sonoridade logo característica de sua futura banda, o *Black Sabbath*<sup>16</sup>

---

<sup>16</sup> Sabá Negro em tradução livre. Banda formada em 1969. A formação clássica do *Black Sabbath* consiste em Tony Iommi (guitarra), Geezer Butler (baixo), Bill Ward (bateria) e Ozzy Osbourne (Vocais). Essa formação ficou ativa nos períodos de 1969-1977, 1978-1979, 1997-2006, 2011-2012, atualmente a banda está na ativa, mas sem a presença do baterista Bill Ward e anunciou a sua última turnê para 2016. A lista de membros que fizeram parte do *Black Sabbath* é extensa, mas alguns dos que passaram sempre tiveram um destaque na banda, como o ex-*Rainbow* Ronnie James Dio (vocais de 1979-1982, 1991-1992) que se tornou conhecido pela sua voz marcante e por adaptar e popularizar o sinal da “mão chifrada” para o Heavy Metal, o ex-*Deep Purple* Ian Gillan (vocais de 1983-1984) que foi convidado a participar da banda em uma bebedeira, o ex-baixista do *Deep Purple* Glenn Hughes que no *Black Sabbath* assumiu o posto de vocalista (1985-1986), Tony Martin (vocais de 1987-1991, 1992-1995) que gravou cinco discos com a banda, o atual baterista do *Kiss* Eric Singer (bateria 1985-1987), o ex-baterista do *Rainbow* Cozy Powell (bateria 1988-1991, 1994-1995), e por fim o vocalista do *Judas Priest* Rob Halford (1992, 2004) que assumiu os vocais da banda por duas vezes em apresentações ao vivo, a primeira vez quando na segunda passagem de Dio pelo Sabbath, Dio recusou a abrir o show da carreira solo de Ozzy, a segunda vez foi quando Ozzy ficou doente e não pode subir no palco. Outros cinco vocalistas passaram pelo *Black Sabbath*, foram eles: Dave Walker (1977-1978); Ron Keel (1984); Dave Donato (1984); Jeff Fenholt (1984-1985); Ray Gillen (1986-1987). Em 2006 foi criada a banda *Heaven & Hell*, que era um projeto com os mesmos membros da formação do *Black Sabbath* que gravaram o disco *Heaven and Hell*, a formação consistia com Ronnie James Dio (vocais), Geezer Butler (baixo), Tony Iommi (guitarra) e Bill Ward (bateria). Porém Bill Ward não aceitou que o nome fosse *Heaven & Hell* ao invés de *Black Sabbath* e antes mesmo do projeto se consolidar ele foi substituído por Vinny Appice, que o também o tinha substituído no *Black Sabbath* em 1980. O nome *Heaven & Hell* foi dado ao projeto para evitar processos judiciais de direitos autorais

cujo nome foi inspirado em um filme de 1963 também chamado de “*Black Sabbath*”. Junto com Geezer Butler (baixo), Bill Ward (bateria) e Ozzy Osbourne (vocal) Tony Iommi formou o *Black Sabbath* e com eles nasceu o *Heavy Metal* (VHI, 2006).

## 2.1 O nascimento dos bastardos

*O metal é um filho bastardo do rock n’ roll. Se Eddie Cochran ou Buddy Holly estivessem vivos hoje, estariam fazendo isso. Ou punk rock (Lemmy Kilmister, 2011)<sup>17</sup>.*

É unanimidade quando se afirma que o *Black Sabbath*, *Led Zeppelin* e o *Deep Purple* são as principais bandas que se consolidaram como criadores do *Heavy Metal*, e que são conhecidas por inúmeros *headbangers*<sup>18</sup>, termo dado aos fãs de *Heavy Metal* fazendo alusão ao termo *headbanging* que é o ato de balançar da cabeça ao se “curtir” o som do *Heavy Metal*, como “santíssima trindade”, destaque para o *Black Sabbath* que tem os membros de sua primeira formação considerados os pais do *Heavy Metal*. Mas onde surgiu o termo “*Heavy Metal*”?

Segundo uma matéria feita por Tiago Sarkis (2004) ao portal da internet *Whiplash*<sup>19</sup>, o termo “*Heavy Metal*” existe muito antes da música pesada criada pelo *Black Sabbath*, o termo tem sua origem na década de 1930, quando o mesmo era usado para se referir a armamentos pesados, ou tanques de guerra e usado nas ciências para definir a densidade de determinados metais. Na música tal termo veio aparecer tempos mais tarde presente no título do disco “*Featuring The Human Host And The Heavy Metal Kids*”<sup>20</sup> da banda de *Rock Psicodélico* chamada de *Hapshash & The Coloured Coat*<sup>21</sup> lançado no ano de 1967, porém em si não fazia menção a um gênero musical. No ano seguinte a banda *Steppenwolf*<sup>22</sup> lançou em seu primeiro disco<sup>23</sup> a música “*Born to be wild*”<sup>24</sup> que no verso “*I like smoke and lightning, heavy metal thunder*”<sup>25</sup>. Claramente a letra da música por completo e uma alusão à vida de motociclista em suas aventuras pelo mundo, não é a toa que tal música se tornou hino para motociclistas

---

vindos da parte de Ozzy Osbourne caso a banda fosse nomeada de *Black Sabbath*. *Heaven & Hell* acabou em 2010 logo após a morte de Ronnie James Dio.

<sup>17</sup> <http://www.vandohalen.com.br/fama-letras-metal-show-de-talentos-e-bagunca/>.

<sup>18</sup> Existe também o termo *Metalhead*, que é mais conhecido e difundido pela Europa, e a abreviação *Banger* que tem o mesmo significado a se referenciar ao fã de *Heavy Metal*. Outro termo que ficou conhecido depois da primeira edição do *Rock in Rio* em 1985 foi *Metaleiro* que não caiu no agrado de muitos, inclusive no autor deste trabalho.

<sup>19</sup> O site é um dos maiores portais sobre *rock* e *Heavy Metal* no Brasil. Está na ativa desde 1996.

<sup>20</sup> Apresentando o Hospedeiro Humano e as Crianças de Metais Pesados em tradução livre.

<sup>21</sup> Hapshash e o Brasão Colorido em tradução livre.

<sup>22</sup> Lobo da Estepe em tradução livre.

<sup>23</sup> LP *Steppenwolf*, 1968.

<sup>24</sup> Nascido para ser selvagem em tradução livre.

<sup>25</sup> Eu gosto de fumaça e relâmpago, o barulho do metal pesado em tradução livre.

do mundo inteiro, porém a parte instrumental da música remete a uma sonoridade clássica do *Hard Rock*<sup>26</sup> do final dos anos 1960 e início dos anos 1970 do século XX, o que de fato torna ainda maior a aproximação com o *Heavy Metal* enquanto gênero musical, mas tornou o *Steppenwolf* uma das principais bandas pré-metal<sup>27</sup> ao lado de nomes como *Cream*, *Blue Cheer*, *Coven*, *Arthur Brow*, *The Kinks* e etc.

Segundo Tiago Sarkis (2004) há muita confusão para quem associou o termo “*Heavy Metal*” a um gênero musical, segundo ele:

... o segredo é desvendado ou, no mínimo, encontra seu único rastro concreto no trabalho do também crítico musical e posteriormente fundador do conjunto *Angry Samoans*, Mike Saunders. Numa resenha do disco “*Kingdom Come*” (gravado em 1970 e lançado em 1971) do Sir Lord Baltimore escrita por ele para a revista *CREEM* de Maio de 1971, fica comprovado o uso de “heavy metal” como descrição de uma vertente musical pela primeira vez na história (Disponível em: <http://whiplash.net/materias/biografias/000706.html>. Acesso em 4 de outubro de 2015).

Considerando tais fatos sobre o surgimento do termo “*Heavy Metal*” como um gênero musical, e também tendo convicção de que tal questionamento de quem o atribuiu nunca terá uma resposta concreta, partiremos para falar da criação do *Heavy Metal* como gênero musical.

O *Black Sabbath* lançou em 1970 o seu primeiro disco homônimo, a polêmica desse disco, que não foi muito bem recebido pela crítica da época, já começa com a data do seu lançamento, o disco foi lançado na sexta-feira, 13 de fevereiro. Outra polêmica se encontra em sua capa que traz uma mulher de preto, cujo rosto não fica nítido, ao lado de uma árvore e que à sua frente temos folhas secas e uma pequena vegetação, a fundo temos um lago e por trás desse lago uma casa.

A banda recebeu acusações de ser anticristo, pois na capa interna possui uma cruz invertida com um texto sombrio em seu interior fazendo referência a mulher da capa, que acreditavam ser uma bruxa de verdade<sup>28</sup>. Tal capa sombria foi creditada a um fotógrafo denominado Marcus Keef<sup>29</sup>. Ela pode ser vista logo abaixo:

<sup>26</sup> Gênero musical irmão do *Heavy Metal* que nasceu da fusão do *Rock n' Roll* com o *Blues*. Nos Estados Unidos considera-se *Hard Rock* e *Heavy Metal* a mesma coisa, porém o primeiro ainda mantém elementos do *Blues* muito forte além de conter em algumas músicas a batida 4x4, elementos que já não estão presentes no segundo.

<sup>27</sup> Pré-metal não é um gênero musical, mas sim um conjunto de variadas bandas que de certa forma já tinham elementos do *Heavy Metal* antes do *Black Sabbath*. Esse conceito pode até se estender a compositores de música clássica, como por exemplo Richard Wagner. Ver: DUNN, Sam; MC FAYDEN, Scot. (2006).

<sup>28</sup> Ver: <http://whiplash.net/materias/curiosidades/160441-blacksabbath.html>;

<http://www.tenhomaisdiscosqueamigos.com/2012/05/09/a-verdade-por-tras-das-capas/11/>. Acesso em 20 de setembro de 2015.

<sup>29</sup> [http://www.metal-archives.com/albums/Black\\_Sabbath/Black\\_Sabbath/482](http://www.metal-archives.com/albums/Black_Sabbath/Black_Sabbath/482). Acesso em 25 de setembro de 2015.

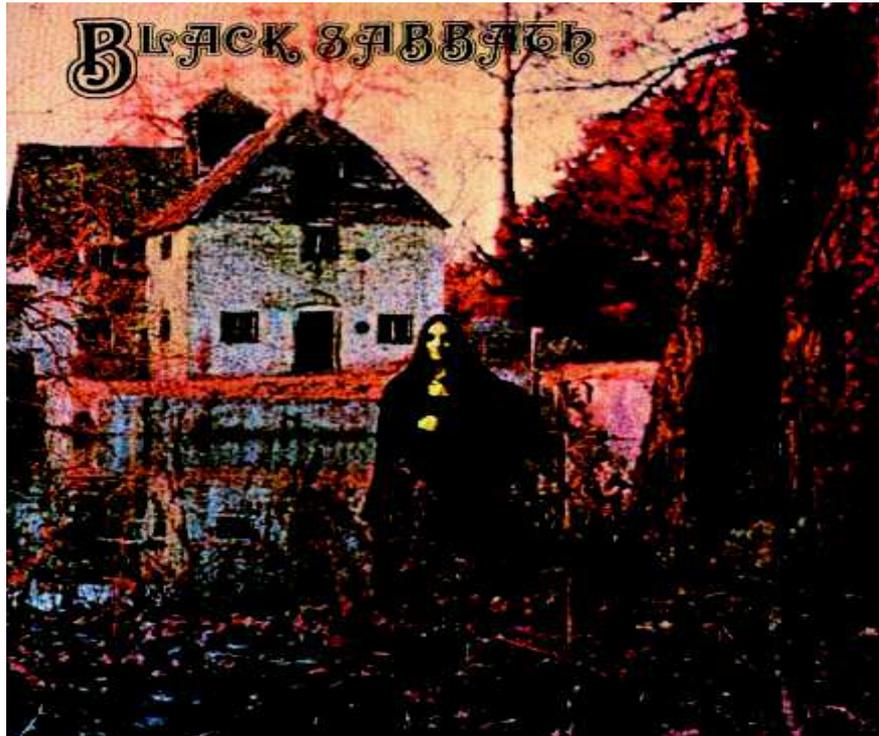


Figura 1 Capa do primeiro disco do Black Sabbath 1970<sup>30</sup>

A música de abertura desse álbum também se chama “*Black Sabbath*”<sup>31</sup>, contém uma letra sombria e um instrumental mais sombrio ainda, que deixa o ouvinte com uma sensação de desconforto, formando um contraste com as canções que representavam o movimento *hippie*. A melodia da música tem como introdução o som de chuva e trovões intercalado pelo som de um sino de igreja, e logo em seguida ouvimos o primeiro *riff*<sup>32</sup> que possui um intervalo entre a primeira e a segunda nota que é denominada de tritono<sup>33</sup>, que é uma tensão musical que gera um desconforto no ouvinte. O tritono foi proibido de ser executado na Idade Média, pois se acreditava que o som produzido era do Diabo, e ficou conhecido por muito tempo como “*Diabolo in Musica*”, essa sonoridade é aliada à inconfundível voz de Ozzy Osbourne, que apesar de não ser muito técnica apresenta-se como bastante marcante pelo seu timbre peculiar. Esses fatos tornam o *Black Sabbath* a banda pioneira no *Heavy Metal*, pois foi a primeira banda a juntar a sonoridade pesada a letras que falam de ocultismo, drogas, caos e guerra.

É curioso observamos que o *Black Sabbath* possui uma série de coincidências com uma banda norte-americana de *rock psicodélico* chamada *Coven* formada em 1968, época em que a filosofia da “paz e amor” estava em alta, tinha uma mulher chamada Jinx Dawson

<sup>30</sup> Idem.

<sup>31</sup> Sabá Negro ou Missa Negra em tradução livre. Trata-se de um ritual realizado por bruxas.

<sup>32</sup> Conjunto de notas, acordes ou intervalos que são repetidos ao longo da música.

<sup>33</sup> Intervalo entre duas notas que possui três tons inteiros.

(vocais), Oz Osborne (baixo) <sup>34</sup>, Chris Nielsen (guitarra) e Steve Ross (bateria). A primeira coincidência é a música de abertura de seu primeiro disco chamado “*Witchcraft Destroys Minds & Reaps Souls*” <sup>35</sup> de 1969, tal música se chama “*Black Sabbath*” e assim que como no restante do disco a temática lírica se baseia em um satanismo bem forte é tanto que o último registro sonoro desse disco é denominado de “*Satanic Mass*” se trata de uma missa negra gravada.

O *Coven* foi uma das primeiras bandas a tratar de temáticas extremamente ocultistas, e também foi uma das primeiras bandas a utilizar temática visual bem agressiva para a época, usando um funcionário da banda pendurado em um crucifixo atrás do palco <sup>36</sup>, mas o mais interessante é que a banda foi a primeira a utilizar o símbolo da mão chifrada para a cultura pop, enquanto só em 1980 foi quando Ronnie James Dio foi adaptar a mão chifrada para o *Heavy Metal* quando assumiu os vocais no *Black Sabbath*, embora as intenções fossem diferentes, enquanto o *Coven* usava tal símbolo para fins ocultistas, Dio adaptou o símbolo da mão chifrada, que era utilizado por sua avó italiana para afastar o mal olhado <sup>37</sup>, para tornar-se o diferencial de seu antecessor Ozzy no *Black Sabbath* que fazia o símbolo do “V” com os dedos. Porém não foi com o *Coven* que a mão chifrada se tornou popular, mas sim quando Dio o adaptou para o *Heavy Metal* <sup>38</sup>.

A capa do disco *Witchcraft Destroys Minds & Reaps Souls* do *Coven* traz três membros da banda olhando fixamente para a pessoa que vê a capa, dois deles usando um terço cada com os crucifixos invertidos, e além dos membros há um crânio humano, comparado à sociedade norte-americana da época essa capa já representaria muita coisa contra o modelo americano de viver, porém não é tudo, a contracapa do disco apresenta os mesmos três membros, dois deles fazem o sinal da mão chifrada, atrás de um altar de ritual ocultista, e a capa interna trazia um pôster com Jinx Dawson deitada nua numa mesa com um cálice sobre seu tórax e um crânio sobre seu púbis, o restante dos membros da banda por trás

<sup>34</sup> Não confundir com Ozzy Osbourne vocalista do *Black Sabbath*.

<sup>35</sup> Bruxaria destrói mentes e colhe almas em tradução livre.

<sup>36</sup> Ver: <http://www.mortesubita.org/sinfonias/musica-e-ocultismo/100-mais-satanicos/witchcraft-destroys-mind-and-reaps-solus-coven>. Uma banda norueguesa de Black Metal chamada Gorgoroth que surgiu em 1992 também passou a usar crucifixos com pessoas penduradas no palco.

<sup>37</sup> O *Maloik* faz parte das superstições italianas no qual se acredita que ao direcionar a mão chifrada para uma pessoa você está se protegendo do “mal olhado” ou também lançando “mal olhado”. Ver: DUNN, Sam; MC FAYDEN, Scot. (2006).

<sup>38</sup> Curiosamente o baixista Geezer Butler publicou recentemente uma foto do *Black Sabbath* de 1969 (segundo ele mesmo) em seu perfil pessoal no *Twitter* em que ele está fazendo o sinal da mão chifrada.

com outras pessoas sem identificação e com trajes ritualísticos com suas mãos erguidas com o sinal da mão chifrada. Podemos ver tais registros a seguir<sup>39</sup>:

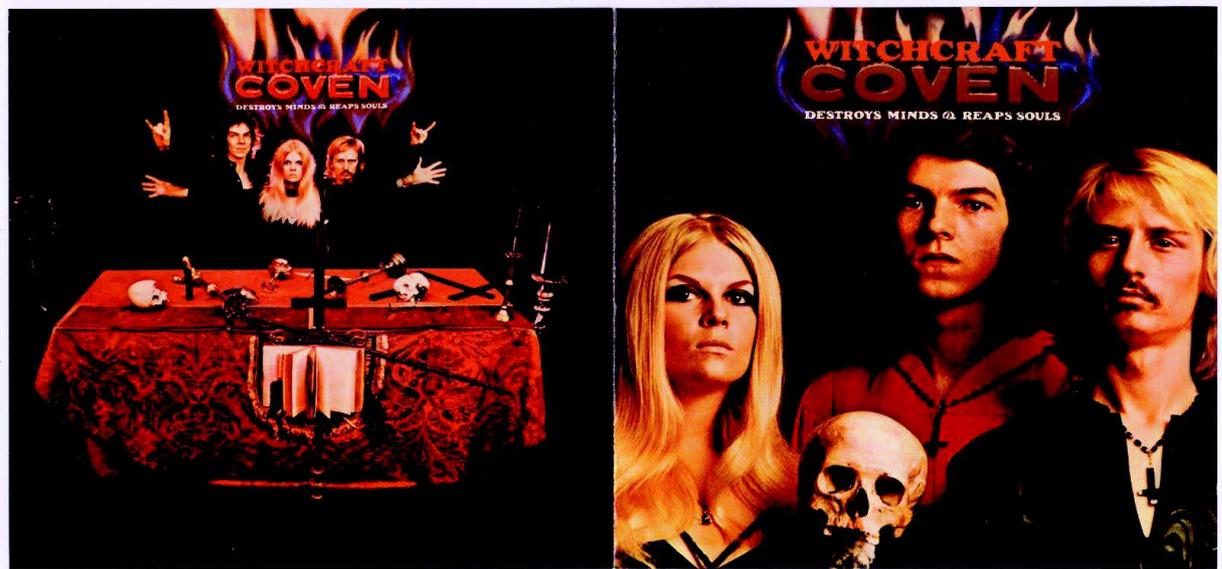


Figura 2 Contracapa à esquerda e capa a direita do disco “Witchcraft Destroys Minds & Reaps Souls” do Coven.

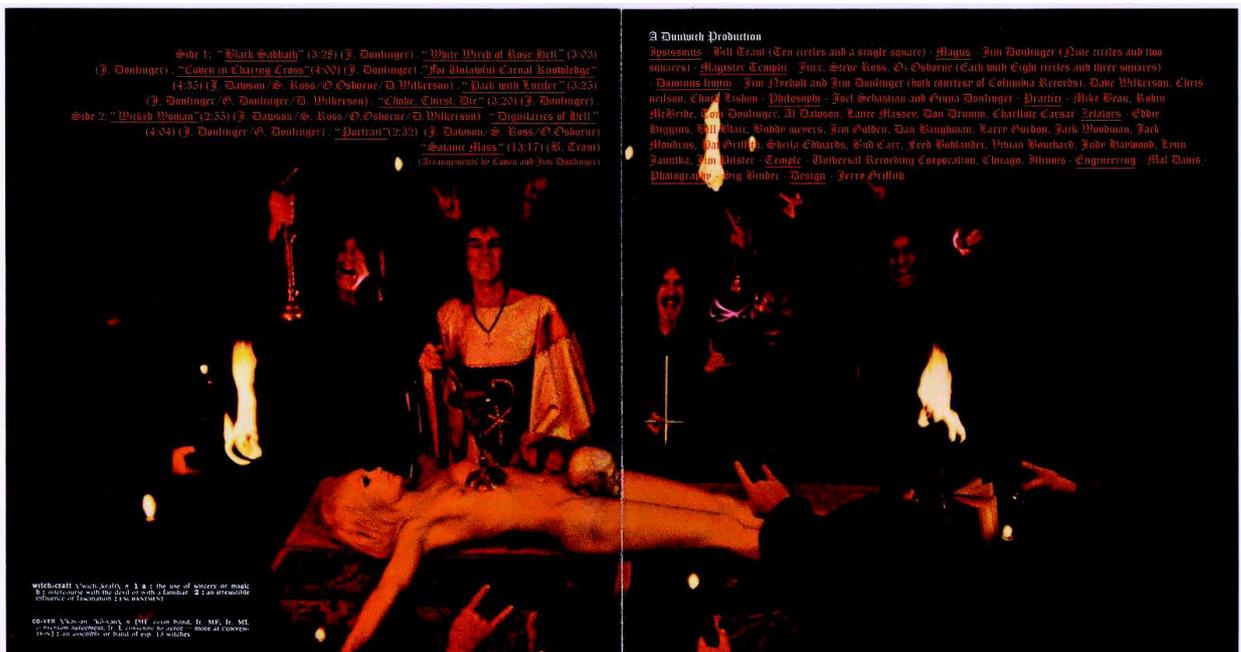


Figura 3 Capa interna do disco “Witchcraft Destroys Minds & Reaps Souls” do Coven.

Todas essas características tornam o *Coven* uma das mais importantes bandas pré-metal que já existiu, não pelas suas semelhanças com o *Black Sabbath*, mas sim por ser uma

<sup>39</sup> Ambas as imagens foram retiradas do seguinte site: <http://bordedorock.blogspot.com.br/2011/05/coven-witchcraft-destroys-minds-and.html>.

banda totalmente à frente do seu tempo, e por conter o caráter lírico pesado para as mentes da época, o que influenciou diversas bandas de *Occult Rock* até os dias de hoje.

## 2.2 A segunda geração do Metal: New Wave of British Heavy Metal

A *New Wave of British Heavy Metal*<sup>40</sup> ou simplesmente *NWOBHM* (RODLEY, 2010) foi a segunda geração do *Heavy Metal* e serviu de base para futuros subgêneros do *Heavy Metal*, as bandas que fizeram parte dessa segunda geração sofreram uma forte influência do movimento *Punk* que surgiu no final dos anos de 1970 que apresentava a forma de se fazer *rock* mais simples e agressiva. As bandas que compunham o cenário da nova geração do *Heavy Metal* e que ajudaram a definir a sonoridade do gênero também serviram de suporte para os futuros subgêneros do *Heavy Metal*, como o *Thrash Metal*, *Death Metal*, *Black Metal* e etc.

Na mesma cidade onde o *Heavy Metal* deu seu primeiro passo, no ano seguinte, em 1971, surge outra banda que seria fundamental a segunda geração do *Heavy Metal* e consolidaria a sua sonoridade, retirando o *blues* da primeira geração e adicionando a uma segunda guitarra, solos mais rápidos e agudos, vozes mais agudas e potentes e por fim as vestes de couro negro com tarraxas de metal presas, vestes essas adaptadas de fantasias de lojas sadomasoquistas, coturno de couro e a introdução da motocicleta no palco, tudo isso graças a Rob Halford que junto a Glem Tipton, K.K. Downing, Ian Hill e John Hinch fizeram do *Judas Priest*<sup>41</sup> a primeira banda a levantar a bandeira do *Heavy Metal*.

O *Heavy Metal* não é basicamente música pesada em todos os sentidos, mas também se apresenta de uma forma estética que causa o diferencial visual do restante da sociedade ocidental, Rob Halford foi um importante sujeito para a transformação estética de um *headbanger*. Além do fato de ser homossexual<sup>42</sup>, Rob Halford também frequentava muitas lojas de artigos fetichistas, e de lá retirou a ideia de refazer a imagem<sup>43</sup> do *Judas Priest*, já que antes os membros da banda e também de outras bandas de *Heavy Metal* se apresentavam com trajes típicos dos anos 70, como calças boca de sino, chapéus, camisas coloridas e etc., como afirma SILVA, W. J. F. (2014, p. 82):

<sup>40</sup> Nova onda do *Heavy Metal* Britânico em tradução livre.

<sup>41</sup> Padre Judas em tradução livre. Essa formação citada acima se consolidou apenas em 1973. Anteriormente há esse ano o *Judas Priest* tinha a seguinte formação: K.K. Downing (guitarra), Ian Hill (baixo), John Ellis (bateria) e Alan Atkins (vocal).

<sup>42</sup> Rob Halford assumiu sua homossexualidade em 1998.

<sup>43</sup> Ironicamente tal imagem inspirada em utensílios sadomasoquista e que tinham um direcionamento do público homossexual, acabou se tornando uma representação da masculinidade nos palcos.

“Visualmente , os músicos e fãs de Heavy Metal substituíam as camisetas floridas, calças bocas de sino, bigodes e as mensagens pacifistas e religiosas dos hippies, bem como os moicanos cor de laranja dos punks, por couro preto, vinil, estampas abstratas geométricas e de raios de metal reluzente, além de cortarem a franja reta ao invés de dividir o cabelo ao meio e usarem calças cada vez mais apertadas ao invés das folgadas vestimentas hippies.”

Tal impacto estético e musical do *Judas Priest* foi tão importante que muitas bandas começaram a copiar, mesmo que minimamente algum aspecto do visual da banda, como o uso de *spike*<sup>44</sup>.

Outra banda importante para a construção dessa imagem do *headbanger* foi os ingleses do *Motörhead*<sup>45</sup> liderada por seu baixista e vocalista Lemmy Kilmister, um ex *roadie*<sup>46</sup> de *Jimi Hendrix*, além de ser lembrado por seu peculiar timbre de voz regado a uísque *Jack Daniels* e cigarros *Marlboro*, e por também sua forma peculiar de tocar seu baixo, Lemmy e o *Motörhead* serviu de bastante influência tanto no caráter lírico com letras sobre drogas, guerras e sexo, como também na postura mais rebelde e agressora no palco, com uso do famoso cinto de balas que hoje em dia é muito comum o seu uso, sua influência serviu principalmente para bandas como *Metallica*, *Megadeth* e *Venom*.

A importância da NWOBHM para o cenário do *Heavy Metal* foi à base para que o metal se tornasse um dos gêneros musicais mais populares do anos de 1980<sup>47</sup>, com o Metal agora pertencente mais ainda ao *Mainstream*<sup>48</sup>, ocorreu de que o *Heavy Metal* deixasse de só habitar o eixo Inglaterra e Estados Unidos, mas sim o metal se expandiu e a consequência disso foi o crescimento das cenas *underground*<sup>49</sup> em diversos países, um deles o Brasil.

Bandas como *Iron Maiden*<sup>50</sup>, que começaram no *underground* rapidamente ganharam o mundo e começaram a influenciar jovens do mundo inteiro, tonando o *Heavy Metal* numa “tribo global” (DUNN, Sam; MC FAYDEN, Scot. 2008).

---

<sup>44</sup> Bracelete feito de couro negro que pode conter pregos de ferro, ou tarraxas metálicas.

<sup>45</sup> Cabeça do Motor em tradução livre.

<sup>46</sup> Estradinhas em tradução livre. É um termo dado àqueles que excursionam juntos com as bandas para trabalhar na pré-produção dos shows.

<sup>47</sup> Ver: DUNN, Sam; MC FAYDEN, Scot. 2006.

<sup>48</sup> Corrente principal em tradução livre. Termo que serve para designar as bandas mais conhecidas do *Heavy Metal*, e que conseqüentemente lucraram mais com a venda de discos e a realização de turnês.

<sup>49</sup> Subterrâneo em tradução livre. É o espaço onde se encontram diversas cenas musicais ou qualquer arte que seja que não se encaixa dentro dos padrões comerciais. Dentro do *Heavy Metal* o *underground* ele é de fundamental importância, pois grande parte das bandas que compõe o cenário *mainstream* do *Heavy Metal* saiu do *underground*, a exemplo do *Metallica* e do *Iron Maiden*.

<sup>50</sup> Donzela de ferro ou dama de ferro em tradução livre. O nome da banda foi inspirado no objeto de tortura utilizado na Idade Média também denominado de Donzela de Ferro. Ironicamente a primeira ministra britânica da época era Margaret Thatcher, que também foi alcunhada de dama de ferro.

### 2.3 Heavy Metal no Brasil

Ao se falar de *Heavy Metal* no Brasil não iremos apenas tratar de bandas como Sepultura ou Angra que atingiram seus sucessos comerciais após os anos 90, mas quando se fala de *Heavy Metal* no Brasil nos remetemos ao ano de 1985, com o festival do *Rock in Rio*, festival esse responsável por trazer artistas e bandas que jamais se imaginaria que viessem para o Brasil, cuja conjuntura política era do final de uma Ditadura Militar que tinha durado vinte e um anos. O *Heavy Metal* não chega ao Brasil com o *Rock in Rio*, mas sim antes na década de 70, porém tal importância do festival para o *Heavy Metal* brasileiro foi tamanha, pois *headbangers* de diversas partes, maioria da cidade de São Paulo, acabaram unindo forças e mostrando que eles realmente estavam presentes. É tanto que o festival recebeu cerca de 1.380.000 pessoas em dez dias<sup>51</sup>.

Mesmo com artistas de variados gêneros musicais se apresentando no festival, já que o festival desde seu início não é dedicado somente ao Metal, fato esse que gerou muitos problemas com o público de *headbangers* presentes ali no local, o *Rock in Rio* representou também o grito da liberdade da sociedade brasileira que saía então da ditadura militar. Como afirma Carlos Lopes, mais conhecido como Carlos Vândalo, vocalista e guitarrista da banda carioca Dorsal Atlântica em seu depoimento para o documentário “*Global Metal*”:

“As pessoas nos anos 70, viviam numa ditadura no Brasil. É... a gente teve uma ditadura de quase vinte e cinco anos. Durante uma ditadura não é muito fácil você ter acesso ou liberdade a qualquer tipo de informação [...] No Brasil a ditadura acabou em 1985. Nesse momento as bandas estavam começando a lançar os primeiros discos de Heavy Metal brasileiros. E o que isso quer dizer, é que o Heavy Metal veio junto com a democracia [...] Pode parecer engraçado hoje, quem vê o Whitesnake<sup>52</sup>. É um pouco engraçado, mas quem vê o Whitesnake, Ozzy Osbourne, Scorpions<sup>53</sup>... é Iron Maiden é, é, era demais po, pro brasileiro em 1985 [...] Você via uma multidão de gente que se perdia. Então a gente parecia fazer parte de algum muito maior do que nós. Nós nos sentíamos parte de uma grande família, de uma religião. E as pessoas começaram a imaginar que essa pudesse ser a música, a trilha sonora de um momento que o Brasil era um país novo e livre.” (DUNN, Sam; MC FAYDEN, Scot. 2008)

Mas o festival do *Rock in Rio* não significava o marco inicial para a formação do *Heavy Metal* no Brasil, mas antes de chegarmos a da consolidação do gênero brasileiro,

<sup>51</sup> Ver: DUNN, Sam; MC FAYDEN, Scot. 2008.

<sup>52</sup> Cobra branca em tradução livre. Banda de *Hard Rock* inglesa formada pelo ex-vocalista do *Deep Purple* David Coverdale em 1978, o *Whitesnake* teve que substituir a banda *Def Leopard* no *Rock in Rio* por causa do acidente trágico que amputou o braço do baterista Rick Allen, que anos mais tarde voltou a tocar com uma bateria adaptada no *Def Leopard*.

<sup>53</sup> Escorpião em tradução livre. Banda de *Hard Rock/HeavyMetal* alemã formada em 1964.

vamos recapitular o traçado de como o *rock* brasileiro se desenvolveu até o final dos anos de 1970.

O *rock* chega ao Brasil mais como um produto de importação dos Estados Unidos no final dos anos de 1950, e durante os anos 1960 ficou no Brasil explodiu com a chamada Jovem Guarda, porém os artistas que compunham a Jovem Guarda não produziam uma música com letras que fossem de conteúdo politizado, as letras da Jovem Guarda eram ainda de cunho inocente e despolitizado, algumas canções não passavam de versões de músicas de *rock* estrangeira, mas o programa da Jovem Guarda fez muito sucesso para época e influenciou toda uma geração dos anos de 1960 (SILVA, W. J. F. 2014). O *rock* no Brasil nunca foi visto com bons olhos, tanto para a sociedade conservadora, tanto como para os movimentos de esquerda brasileira que via a guitarra elétrica como um símbolo do imperialismo norte-americano, é tanto que foi realizada uma manifestação contra a guitarra elétrica<sup>54</sup>.

Todavia o *Heavy Metal* brasileiro já começava a dar seus primeiros passos nos anos de 1970, mesmo que de uma forma ainda um pouco tímida. Os anos 70 foram importantes para o lançamento de bandas como Made In Brasil, Casa das Máquinas, O Peso, O Terço, Patrulha do Espaço e etc. Porém essas bandas não alcançaram um sucesso comercial tão forte quanto Raul Seixas, que era um dos pouquíssimos artistas que tocavam *rock n' roll* e que fizeram um importante sucesso comercial. Dessas bandas citadas anteriormente as únicas que começou a dar um direcionamento à música pesada foi o Made in Brazil, que tinha um som mais pesado, entretanto suas letras tratavam mais de temas urbanos e despolitizados e o seu som ainda tinha características do blues. Contudo o Made in Brazil adotava em seu visual uma postura rebelde e chamativa, o que lhe rendeu críticas tanto da sociedade conservadora como também do “lado da juventude mais engajada” (SILVA, W. J. F. 2014, p. 88).

Se na década de 1970 o Made in Brazil já dava os direcionamentos da música pesada no Brasil, na década seguinte foi quando tudo ganhou forma, assim, o *Heavy Metal* tinha chegado ao Brasil. Não podemos deixar de lado o fato do *Heavy Metal* ter chegado ao Brasil como algo marginal, porém como uma capacidade de vencer qualquer fronteira. Em Belém, no estado do Pará em 1974 surgiu uma banda chamada Pingo D'água, que tocava cover de bandas como *Black Sabbath* e *Led Zeppelin* posteriormente, em 1977, a banda mudou o nome para *Stress*, a partir das influências da NWOBHM principalmente do *Judas Priest*, a

---

<sup>54</sup> A “Passeata contra a guitarra elétrica” ocorreu no dia 17 de julho de 1967 com o discurso de “defender o que é nosso”, em uma alusão a valorização da MPB brasileira.

banda definiu sua sonoridade e começou a fazer suas primeiras composições em português<sup>55</sup>. No ano de 1982 a banda decide gravar seu primeiro disco de músicas autorais, para isso viajaram três dias de ônibus para a cidade do Rio de Janeiro com a esperança de gravar um disco com equipamentos de melhor qualidade, já que a realidade era a de que era quase impossível conseguir instrumentos de qualidade, mas ao chegar à capital carioca se depararam com um estúdio com péssima qualidade de funcionamento. Depois das sessões de gravação, a banda já sem dinheiro suficiente para custear o restante da mixagem do disco, que não tinha saído como eles esperavam, fugiu levando a fita matriz e lançaram por conta própria mil cópias do disco que levou o próprio nome da banda que contava com Roosevelt Bala (baixo e vocal), André Lopes (bateria), Pedro Lobão (guitarra) e Leonardo Renda (teclado). Tal disco fez um enorme sucesso, tendo levado vinte mil pessoas no seu show de lançamento em Belém, e também a um lendário show no circo voador impulsionaram o Stress a uma enorme divulgação por meio das *fanzines*<sup>56</sup> da época, acabou entrando no consenso de ser a primeira banda de *Heavy Metal* brasileira<sup>57</sup>.

Na época os membros do Stress se consideravam *rock porrada*, pois até então o termo *Heavy Metal* era desconhecido no Brasil, logo após o sucesso de seu primeiro disco e tendo consciência do som que eles estavam fazendo, é que no segundo disco da banda intitulado de “Flor Atômica” de 1985, que a banda compôs sua primeira música que traduzisse o sentimento de se fazer parte dessa tribo<sup>58</sup>, a música que também se chama “*Heavy Metal*” e a primeira faixa do disco, que tem como na capa o slogan da banda na parte superior, logo abaixo uma esfera que lança luzes para todos os lados da capa, logo abaixo uma mão que faz o símbolo da mão chifrada em cor laranja e na parte inferior o nome do disco em vermelho.

---

<sup>55</sup> Algumas composições da banda foram vetadas pela censura, e tiveram que ser adaptadas para serem aprovadas.

<sup>56</sup> Ou simplesmente *Zine* era uma revista de pouca circulação feita por fãs e disponível a preço acessível ou de graça.

<sup>57</sup> Sobre a história do Stress ver o artigo do site *Whiplash*: SABBAGA, Julia. A história do Heavy Metal no Brasil: a explosão em Belém do Pará. 2012. Disponível em: < <http://whiplash.net/materias/biografias/170230-stress.html> > Acesso em 6 de outubro de 2015.

<sup>58</sup> Essa música não foi a primeira a fazer referência ao estilo *headbanger* de vida no *Heavy Metal* brasileiro, bandas como Salário Mínimo, Avenger, Korzus, Abutre, Metalmorphose, Dorsal Atlântica e etc. também lançaram músicas com a temática do sentimento do *rock* e do *Heavy Metal* antes ou na mesma época do lançamento do segundo disco do Stress.

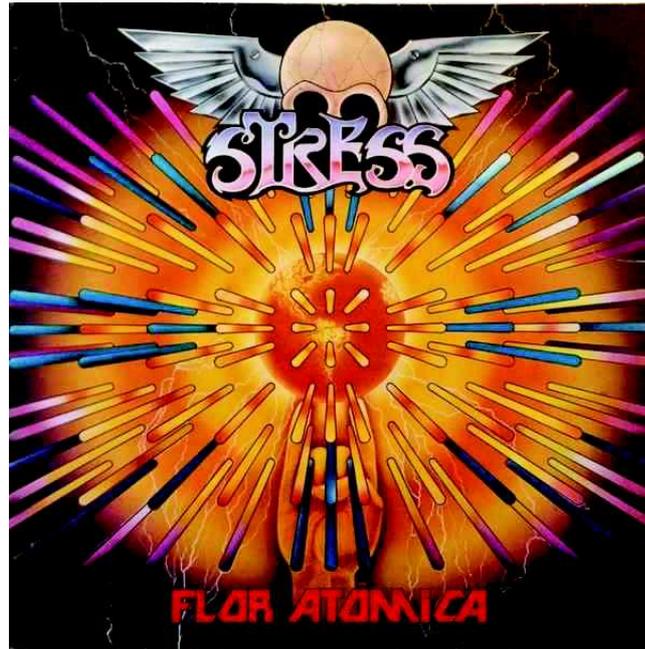


Figura 4 Capa do disco "Flor Atômica" do Stress<sup>59</sup>

*Heavy Metal*

*Só Heavy, Heavy Metal, faz a sua cabeça  
 Seu peso, sua força, nasceram das trevas  
 Heavy Metal, Heavy Metal, Heavy Metal.  
 Milhares de fãs pelo mundo  
 Luzes, câmeras, ação  
 É imortal em todos nós.  
 Heavy Metal, Heavy Metal, Heavy Metal...  
 Nas garras do mal, misericórdia  
 Sinto muito, mas o Heavy é a lei do mais forte  
 Está no sangue e na alma  
 Está queimando dentro de mim.  
 Heavy Metal, Heavy Metal, Heavy Metal...  
 Heavy, Heavy...Metal.  
 Só Heavy, Heavy Metal, faz a sua cabeça  
 Seu peso, sua força, nasceram das trevas  
 Heavy Metal, Heavy Metal, Heavy Metal  
 Heavy Metal, Heavy Metal, Heavy Metal...*

A letra acima expressa bem o que o *Heavy Metal* significa para muitos de seus fãs espalhado pelo mundo: “*seu peso, sua força, nasceram das trevas*”. O Metal enquanto gênero musical é “*imortal*” dentro da cabeça de seus fãs, é algo que não passa com o tempo para seus fiéis seguidores, não é somente uma “fase” rebelde de uma adolescência, mas algo que é para uma vida toda, e a “*lei do mais forte*” é algo que “*está no sangue e na alma*”, esse é o diferencial que faz dos *headbangers* de todas as partes do globo se identificarem uns com os outros em qualquer parte. O instrumental tem as características da sonoridade das bandas da NWOBHM, porém é evidente que a qualidade da música como também de todo o disco é

<sup>59</sup> Ver: [http://www.metal-archives.com/albums/Stress/Flor\\_At%C3%B4mica/39081](http://www.metal-archives.com/albums/Stress/Flor_At%C3%B4mica/39081).

bastante inferior às gravações estrangeiras, esse fato não ficou apenas restrito ao Stress, a grande maioria dos registros fonográficos em *Heavy Metal* da década de 1980 possuem características de gravações precárias, muito se deve à questão de não se ter acesso a instrumentos de qualidade e também pela quase inexistência de estúdios de gravação que sabiam gravar tal gênero no Brasil, tal fator começou a mudar no final dos anos de 1980 quando as gravações passaram ter melhor qualidade.

As *fãnzines* também foram um dos instrumentos de grande importância para a consolidação do *Heavy Metal* no Brasil, era através da *fãnzine*, ou também chamada só de *zine*, que se podiam conhecer bandas do *underground* nacional ou estrangeiro, além de também receber e trocar informações através de caixa postal, isso tornou um importante instrumento também de relacionamento entre *bangers* do país inteiro. Uma das mais importantes *zines*, que futuramente veio a se transformar em revista foi a paulistana *Rock Brigade* que contava com uma sessão de cartas onde os *headbangers* de diversas partes do país trocavam informações, correspondências e até anúncios de compra e venda de produtos de *Heavy Metal*.

Outra banda que foi pioneira no Brasil quando se trata de *Heavy Metal* foi a Shock, do estado da Paraíba, mostrando mais uma vez que o *Heavy Metal* brasileiro não se resumia apenas a o eixo Rio de Janeiro - São Paulo. A banda surgiu no ano de 1978 formada pelos irmãos Carlos Roque (bateria e vocal), Paulo Roque (baixo), Edgard e Marcos Roque (guitarras), sendo que no início dos anos de 1980 Marcos Roque deixa a banda, Carlos Roque abandona os vocais ficando responsável só pela bateria, e é recrutado para o posto de vocalista Américo Caldeira consolidando a formação definitiva da banda até os dias atuais. A banda tem fortes influências da NWOBHM e foi a segunda banda brasileira a se dedicar apenas ao *Heavy Metal*, mesmo sem nenhum registro fonográfico antes de 1989 a banda era bastante ativa, suas letras eram cantadas em português, porém, ela começou a cantar em inglês a partir do seu primeiro disco: *Heavy Metal We Salute You* lançado em 1991<sup>60</sup>.

As letras da Shock falam principalmente do sentimento de se viver o *Heavy Metal*, e ficam principalmente explícitas em duas músicas de seu primeiro demo tape de 1989 chamada *Ritual*, o nome de tais músicas são *Rock, Heavy Metal*<sup>61</sup> que é a faixa introdutória da demo, e

---

<sup>60</sup> Ver: <http://whiplash.net/materias/cds/195802-shock.html>;  
[http://whiplash.net/materias/news\\_819/195992-shock.html](http://whiplash.net/materias/news_819/195992-shock.html);  
<http://www.metal-archives.com/bands/Shock/35779>.

<sup>61</sup> Essa música foi relançada em inglês com o título de *Heavy Metal We Salute You* do disco de 1991 com o mesmo nome.

a música *Cabelos Compridos*<sup>62</sup>. A primeira música contém um instrumental bem característico da NWOBHM com uma introdução feita somente na guitarra, a letra da música é uma canção que exalta ao *Heavy Metal* e o *Rock*, em detrimento de tudo aquilo que a mídia impõe como consumível, como podemos perceber na letra abaixo:

*Rock, Heavy Metal*

*Se você pensa que o rock está morrendo  
 Não se iluda e preste atenção  
 O Rock é vida eterna e imortal  
 Porque é filho da força universal.  
 Salve o Rock, Heavy Metal  
 Salve o Rock  
 Salve o Rock, Heavy Metal  
 Salve o Rock...  
 Ligando o rádio ou vendo uma TV  
 Um cara besta cantando MPB  
 Cheguei agora e tudo vou mudar  
 Com a guitarra o Rock vou tocar  
 Salve o Rock, Heavy Metal  
 Salve o Rock  
 Salve o Rock, Heavy Metal  
 Salve o Rock...  
 Heavy Metal  
 Ligando o rádio ou vendo uma TV  
 Um cara besta cantando MPB  
 Cheguei agora e tudo vou mudar  
 Com a guitarra o Rock vou tocar  
 Salve o Rock, Heavy Metal  
 Salve o Rock...  
 Salve o Rock, Heavy Metal  
 Salve o Rock...  
 Heavy Metal.*

Podemos perceber que é evidente o sentimento do autor da letra acima ao afirmar que o *Rock* é “eterno” e “imortal” e que ele não se identifica com o que o rádio e a televisão têm a lhe mostrar, causando em si a vontade pegar sua guitarra e tocar *rock*. Em contrapartida, a música *Cabelos Compridos* trata do cotidiano de um *headbanger* que usa cabelos longos, um símbolo que maioria dos *bangers* tem ou já tiveram um dia em suas vidas, o que pode ser comum nos dias de hoje, porém se formos pensar o que era ser um sujeito de cabelos longos nas décadas passadas, tem nessa letra um reflexo do que a maioria da sociedade pensava sobre os “cabeludos”. Para começar, durante a ditadura militar no Brasil, era comum ter alguns sujeitos de cabelo longo, e o principal deles durante a década de 1960 foi Roberto Carlos, mas mesmo um artista como Roberto Carlos sendo cabeludo, não diminuiu o preconceito com os

---

<sup>62</sup> Relançada em inglês no disco *Heavy Metal We Salute You* com título de *Long Hair*. Diferente da música “*Rock, Heavy Metal*” a música “*Cabelos Compridos*” sofreu uma mudança em seu instrumental quando foi traduzida para o inglês.

homens de cabelo grande, reflexo que perdurou por muito tempo, e seus resquícios ainda se encontram na sociedade atual, mesmo que reduzidamente<sup>63</sup>.

A letra de *Cabelos Compridos* faz referência a vida de indecisões sobre a vida de um sujeito “cabeludo”, pelo fato das responsabilidades sociais do sujeito, o instrumental da música, que também tem começa com uma introdução na guitarra seguida por um grito agudo, muito comum na maioria das músicas de Metal, apresenta um ritmo menos acelerado do que na música anterior apresentada, e sua letra apresenta uma estrutura semelhante à música anterior, no caso um esquema em que a música inicia-se com uma estrofe, é intercalada pelo refrão que em seguida apresenta-se uma nova estrofe e uma repetição do refrão seguido pela repetição da estrofe anterior e finalizada com o refrão, como podemos observar abaixo:

*Cabelos Compridos*

*Tens horas que eu não sei  
 O quer que eu vou fazer  
 Preciso de alguém que venha me dizer  
 Se começo aqui, ou se paro ali  
 Só sei que tem gente  
 Pensando mal de mim.  
 Cabelos compridos  
 Viver é tão difícil.  
 Cabelos compridos  
 Viver é tão difícil.  
 As pessoas que passam, me olham assim  
 Me julgam como louco ou pensam mal de mim  
 Com tudo colorido, com o mundo ao meu redor  
 Meu Deus o quer que eu faço pra ter uma vida melhor?  
 Cabelos compridos  
 Viver é tão difícil.  
 Cabelos compridos  
 Viver é tão difícil.  
 As pessoas que passam, me olham assim  
 Me julgam como louco ou pensam mal de mim  
 Com tudo colorido, com o mundo ao meu redor  
 Meu Deus o quer que eu faço pra ter uma vida melhor?  
 Cabelos compridos  
 Viver é tão difícil.  
 Cabelos compridos  
 Viver é tão difícil  
 Cabelos compridos  
 Viver é tão difícil.*

O Stress e o Shock de fato são pioneiros do *Heavy Metal* no Brasil, e o mais importante é que essas duas bandas mostram que o *Heavy Metal* é um gênero que não tem

---

<sup>63</sup> O autor desse trabalho é “cabeludo”.

conhecimento de fronteiras para ser difundido, e que tem uma base de fãs capazes, com a força da união de construir cenas *underground* locais bastante fortes e resistentes ao tempo.

No caso da Paraíba não foi diferente, depois do *Rock in Rio*, na segunda metade dos anos de 1980 o *Heavy Metal underground* teve um significativo crescimento, com destaque à cidade de Campina Grande onde se fez presente um dos cenários mais importantes do Brasil quando se fala em *Heavy Metal*.

### 3 CAPITULO II – O *UNDERGROUND* CAMPINENSE

Como foi explicado no capítulo anterior o *Heavy Metal* ganhou uma forma definitiva e alçou voos maiores na década de oitenta do século XX, tornando um dos gêneros musicais mais populares e também um dos mais perseguidos por grupos conservadores (DUNN, Sam; MC FAYDEN, Scot. 2006) por todo o mundo, porém mesmo com seus altos e baixos no campo da música popular dita *mainstream*, o *Heavy Metal* sobreviveu e se reinventou diversas vezes ao longo de sua história graças à força empenhada pelas cenas locais de diversos países, conhecido como *underground*.

Falar de *Heavy Metal* em Campina Grande é falar justamente dessa força subterrânea presente nas cidades em todo o mundo, o *underground* esteve presente desde que o Metal se estabeleceu por aqui, mesmo que permanecesse por alguns períodos totalmente inerte de eventos, a cidade de Campina Grande se manteve um dos berços mais ricos do *underground* brasileiro. Maior reflexão disso se cabe ao fato de que atualmente o *underground* campinense possui bandas que já realizaram turnês não apenas pelo Brasil, mas também pela Europa, a exemplo do *Warcursed* e a *Venomous Breath* que tem uma turnê europeia marcada para o final de 2016.

Mas esse movimento *underground* presente na cidade nos dias de hoje tem uma forte história a ser contada, desde seu caráter embrionário até sua consolidação. Em 1985 foi o ano da redemocratização brasileira depois de um período de pouco mais de vinte anos de Ditadura Civil-Militar no Brasil, e como afirmado anteriormente colocou a amostra de que o *Heavy Metal* era forte no país, abrindo assim a “tampa do bueiro”, tal fator fez com que diversos jovens que acompanhavam as transmissões do Rock in Rio se identificassem com aquele segmento musical ou no caso dos que já se identificavam servisse de motivo para formarem as suas bandas, como afirma Kedma Villar, ex-baterista do Mortífera, ex-vocalista do Mind Grind, ex-baixista do Ostia Podre (sic):

Eu comecei a entrar mesmo no Heavy Metal com o Rock and Rio I, havia uma difusão maior das bandas pela TV. Para mim era muito difícil, minha tia tinha medo pela associação que o rock tinha com as drogas e antigamente era muito pior. E o meu gosto musical sempre foi o Heavy Metal. O meu primeiro disco foi “Show no Mercy” do Slayer e aquilo me tocou, esse era o som que eu procurava, para a minha atitude de vida, para a minha essência<sup>64</sup>.

Então partindo da premissa que o Rock in Rio foi fundamental para que encorajassem jovens de diversas partes do Brasil e também formação do *underground* em diversas cidades

---

<sup>64</sup> Revista Rock Meeting, matéria Mulheres no Rock (Nº 2, Ano I, p. 9).

brasileiras, incluindo Campina Grande, é que adotaremos esse fato como ponto de partida para o desenvolvimento da cena *headbanger* local.

### 3.1 O desenvolvimento

Nenhuma cena é apenas composta por fãs que gostam de *Heavy Metal*, ela é primordialmente alimentada pela presença de bandas locais, eventos nas cidades, locais para a realização desses eventos e por vezes a contribuição de Zines editados na região em que a cena se constitui. Vasconcellos (2015) em seu estudo das espacialidades das cenas *underground* no Brasil identificou que, diferentemente do eixo Rio-São Paulo, no Nordeste a cenas locais se constituem com não apenas por membros residentes nas próprias cidades onde os shows ocorriam, mas também membros de outras cidades, a exemplo se caso ocorresse um show em Campina Grande, *headbanges* de João Pessoa, Recife e Natal também comparecem a esse show e vice versa, tal fato também era recorrente nos tempos em que a cena *headbanger* estava se formando em Campina Grande, como por exemplo, em um show que aconteceu no dia 1º de dezembro de 1990 no Bar da Beta em Campina Grande como conta Charlie Curcio (2014) num relato em seu blog pessoal de memórias:

“Com o sucesso da primeira noite<sup>65</sup>, Beta animou e topou seguir com os eventos em seu estabelecimento. Daí pra frente praticamente todo final de semana rolou alguma *gig*<sup>66</sup> com bandas locais e até de cidades vizinhas, como na noite de 1º de dezembro de 1990, em que se apresentaram bandas de Recife (Devotos do Ódio e Realidade Encoberta) e Caruaru (Psychic Acid), além de uma local (Mortífera). Este foi, sem dúvida, o fest com maior aglomeração de pessoas. Até um leão de chácara<sup>67</sup> fora improvisado para tentar organizar a entrada e saída tanto de público, como das bandas. E o escolhido e até por livre e espontânea vontade, oferecido, fora o recifense Jorge Bulldog, que havia viajado junto com os grupos Realidade Encoberta e Devotos do Ódio. O ambiente onde haviam as apresentações e a aglomeração do público era cheio e esvaziado a cada apresentação, para que a banda pudesse sair do palco e pudesse guardar seus instrumentos e demais equipamentos em algum lugar, pois o palco era tão pequeno que não havia como deixar ali este material das bandas. Outro motivo que fora obrigatória a saída de todo o público entre os sets de cada banda era o calor insuportável que ali reinava durante cada banda. Era preciso deixar ventilar um pouco até a entrada da próxima banda da noite e do público, que também se revezava, uma vez que havia tanta gente no lugar e o mini salão de apresentações era tão pequeno, que as pessoas foram obrigadas a escolher a que bandas assistir naquele evento [...] Vale lembrar que todas as pessoas, bandas e público, de Recife, se deslocaram de sua cidade natal até Campina Grande dentro do baú de um caminhão Mercedes Bens (*sic*).”

<sup>65</sup> O autor está se referindo a um show anterior que aconteceu no Bar.

<sup>66</sup> *Gig* é um termo em inglês que significa basicamente em tradução literal uma apresentação ao vivo, seja ela teatral ou musical. Esse termo é bastante comum dentro de alguns segmentos contraculturais

<sup>67</sup> Leão de chácara é uma expressão informal usada para designar a uma pessoa que faz a segurança de um estabelecimento.

Outro exemplo de show que contou com a presença de *headbangers* locais e de outros estados foi o “*Show pela Paz*” realizado no dia 10 de março de 1990 como mostra o seguinte recorte de jornal<sup>68</sup> de data de 14 de março de 1990:

2 - Campina Grande, Quarta-feira, 14.03.90

**VARIEDADES**

**HOJE NA TV**

**TV PARAÍBA**  
CANAL 3

06:30 - Telecurso 2º Grau  
07:00 - Bom Dia Brasil  
07:30 - Bom Dia Paraíba  
08:00 - Xou da Xuxa  
13:00 - Globo Esporte  
13:05 - Momento da Copa  
13:10 - Jornal Hoje  
13:30 - Momento da Posse  
13:30 - Vale a Pena Ver de Novo - **Pão Pão, Bafo Bofo**  
14:25 - **Sessão da Tarde**  
- **Memórias do Pavor**  
16:50 - **Talenteo** - O Mistério das Esmeraldas (3ª capítulo)  
17:25 - **Sessão** - Aventura  
- **Tal Pai, Tal Filho**  
17:55 - **Gerente Pina**  
18:50 - **Tor Model**  
19:45 - **JPB** - A Noite da Paraíba  
19:58 - **Momento da Posse**  
20:00 - **Jornal Nacional**  
20:30 - **Momento da Copa**  
20:35 - **Dieta**  
21:30 - **Festival 25 Anos**  
- **Uma Aventura no Espaço**  
23:30 - **Jornal da Globo**  
00:00 - **Classe A**, Filme: **Uma Vida de Suspense**

**TV Borborema**  
CANAL 9

06:45 - **Educativo**  
07:15 - **TJ Manhã**  
07:28 - **A Copa das Copas**  
07:30 - **Show da Simony**  
08:30 - **Bozo**  
10:30 - **Dó, Ré, Mi, Fá, Sol, Lá, Si** - Com Mariane  
12:58 - **A Caminho da Copa**  
13:00 - **Pipokinha**  
13:30 - **Oracikapeta**  
16:00 - **Show Maravilha** - Infantil  
18:00 - **Chaves**  
18:30 - **Jornal Local**  
18:55 - **A Copa das Copas**  
**Economia Popular**

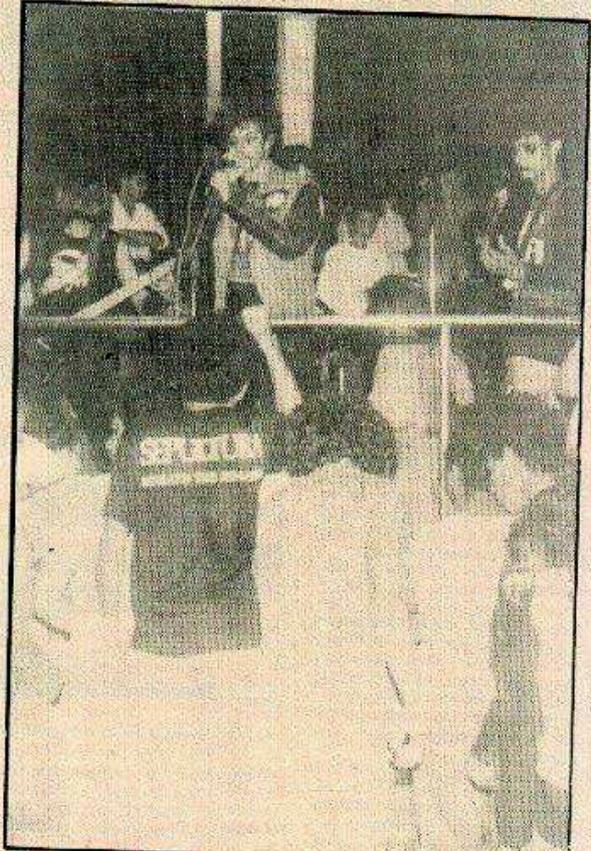
## “*Show pela Paz*” realizado na praça

Mais de 200 roqueiros seguidores do Heavy-metal norte-americano, procedentes de vários estados nordestinos realizaram, sábado, à noite, em Campina Grande, na Praça Clementino Procópio, um movimentado show, que teve como denominação “Protesto pela Paz”. A agitação, acompanhada do frenético balanço, foi a marca registrada e que predominou por quase até a meia-noite.

O show que contou com o apoio direto do Departamento Municipal de Cultura, trouxe à praça um número muito limitado de amantes do rock. Foram apresentadas mais de 10 bandas, todas representando as suas respectivas cidades, como Caruaru (PE), Maceió (AL), Natal (RN), Fortaleza (CE), além de outras de João Pessoa e Campina Grande (Pb).

As músicas cantadas pelas bandas heavy-metal, tinham letras próprias e que criticavam a religião, Deus, a família e o Estado. A liberdade, o fim da opressão foi o recado dado pelos jovens roqueiros, que eletrizados pela energia do rock’n rool, a cada instante, protestam através de palavras consideradas de baixo calão, contra algumas instituições da sociedade, em particular a Igreja.

Homenagens aos grandes nomes e bandas do rock nacional, não deixaram de ser feitas, como Paralamas do Sucesso, Titãs, Lobão e, es-



Mais de 200 roqueiros participaram do show na “Clementino Procópio”.

Figura 5 Recorte de jornal da época<sup>69</sup>

Como podemos ver na fonte acima, o “*Show pela Paz*” teve um público limitado, porém com presença de “roqueiros” de vários estados do Nordeste, além de bandas representando cidades como Caruaru (PE), Fortaleza (CE), Natal (RN), Maceió (AL), João Pessoa (PB) e também da própria cidade de Campina Grande. Curioso notar que tal evento

<sup>68</sup> Possivelmente seja o Jornal da Paraíba. O autor deste trabalho consultou o acervo digital do Jornal da Paraíba, porém até a data da finalização deste trabalho, o numero publicado na data citada acima não estava disponível para a visualização. Mas ao analisar o formato das páginas de outros números publicados na mesma época, pode-se perceber uma semelhança com o recorte apresentado acima.

<sup>69</sup> Recorte de jornal pertencente ao grupo *Metal Forces* no Facebook.

realizado na Praça Clementino Procópio recebeu o apoio do Departamento Municipal de Cultura, ou seja, isso significa que uma cidade marcada pela alcunha de “Cidade do Maior São João do Mundo” também apoiava eventos de natureza contracultural e que possuía bandas com ideologias antirreligiosas, com críticas a Deus, à família e até ao próprio Estado com palavras “consideradas de baixo calão”, sempre direcionadas à Igreja<sup>70</sup>.

O conflito entre *Heavy Metal* e a Igreja Cristã existiu, desde os primórdios do gênero, o *Black Sabbath* nunca foi uma banda satanista, embora alguns de seus membros tivessem tido contato com o oculto, a banda em si queria explorar mais a sua sonoridade e suas letras em algo que fosse assustador, e conseguiu. O *Black Sabbath* foi considerado como satanista por grupos conservadores, logo o *Heavy Metal* também foi associado como uma música “demoníaca”. Ao assistirmos ao documentário *Metal: a Headbanger’s Journey* (2006) do antropólogo canadense Sam Dunn, vemos que na década de 1980 o *Heavy Metal* sofreu vários ataques de grupos conservadores nos Estados Unidos exigindo a censura de algumas músicas de bandas do gênero, isso contribuiu para que a imagem do *Heavy Metal* se tornasse uma força ainda maior para aqueles que se identificavam com as ideologias ocultistas levantadas por bandas da época. Logo muitas bandas de *Heavy Metal* dos mais variados subgêneros, especificadamente o *Death Metal* e o *Black Metal*, intensificaram ainda mais a bandeira do anti-cristianismo dentro do *Heavy Metal*, assim consolidando o *Heavy Metal* como algo que negasse as doutrinas religiosas impostas pela cultura dominante, esse é o principal fato que faz o *Heavy Metal* permanecer ainda nas bases de uma contracultura muito forte, principalmente quando falamos do *underground*<sup>71</sup>.

Logo não seria diferente que tal comportamento antirreligioso fosse manifestado por bandas, e principalmente em uma região tão voltada ao apego religioso como o Nordeste, como afirma Kedma Villar:

... eu não convivi com meus pais por muito tempo, daí a minha tia me adotou e ela era evangélica.

Eu sou de Campina Grande, na Paraíba, e naquele período a sociedade era extremamente machista, fanática religiosamente e tudo isso problema para o crescimento do metal.

<sup>70</sup> Segundo um relato no grupo Metal Forces, uma das frases de ataque à Igreja e à Deus foi “pau no cu de Deus” proferida por um membro da banda de Hardcore/punk C.U.S.P.E. de Campina Grande, possivelmente fazendo referência a uma lendária música da banda carioca de Speed/Thrash Metal Dorsal Atlântica chamada “P.C.D.” (Pau no Cu de Deus) que nunca foi lançada oficialmente, só existem registros de apresentações ao vivo.

<sup>71</sup> Nos últimos anos tem surgido bandas que levam o conceito sonoro *Heavy Metal* e seus subgêneros, porém com temáticas cristãs em suas letras que é denominado como *White Metal*. O *White Metal* não existe como um conceito de gênero musical, na verdade é uma forma de denominar bandas com temáticas cristãs, e é combatido ferrenhamente por uma grande parcela de *headbangers* que enxergam tal movimento como uma afronta e uma usurpação de um conceito musical contracultural e anticristã.

... A minha formação musical foi por conta da igreja, quando era criança frequentava e, nesse sentido, foi muito importante, me deu um suporte musical enorme <sup>72</sup>.

Nesse sentido percebemos que em uma sociedade pautada numa doutrinação cristã, logo grande maioria dos *headbangers* locais teria uma formação religiosa muito forte em seus lares, portanto provavelmente existia uma repressão forte aos adolescentes fãs de *Heavy Metal* em suas próprias casas justamente pelo que o rock em geral estava associado. Como citado anteriormente no documentário de Sam Dunn *Metal: a Headbanger's Journey* (2006) vemos que o *Heavy Metal* e seus subgêneros sofreram ataques de uma parcela da sociedade americana na segunda metade da década de 1980 não apenas pelo fato de acharem o Metal em si demoníaco, mas também por que ele influenciava jovens em proporções maiores a cada dia que o gênero se tornava mais popular, tal influência, por consequência, afastava muitos jovens da igreja ou da vida cristã, fato agravado ainda mais pelo fato de diversos crimes e suicídios terem sido atribuídos a músicas de *Heavy Metal*. Isso fez com que bandas como o *Judas Priest* fosse a julgamento público por consequência de uma fã ter cometido suicídio sob a influência de mensagens subliminares nas músicas da banda, tal fato não é isolado já que outros artistas ou bandas do gênero também passaram por algo similar ou parecido, mas serve de exemplo que o *Heavy Metal* nunca foi visto com bons olhos. Outro episódio bem peculiar foi o de alguns membros da cena *Black Metal* norueguesa terem incendiado igrejas na Noruega, fato que até hoje é tido como exemplo dessa constante luta entre cristianismo e Metal, que é tanto exaltado por uns e reprovado por outros no âmbito geral do *Heavy Metal*.

Uma questão de fundamental importância que podemos observar é que uma parcela de fãs do gênero começa sua formação musical justamente na igreja quando ainda crianças ou até mesmo na adolescência, isso não é um fator geral, já que muitos *headbangers* começam a ter contato com instrumentos musicais já depois de ter contato com o gênero musical, mas é que mesmo com uma influência religiosa que lhe atrai para o lado musical pautado no cristianismo, muitos jovens ainda assim não se identificam com a música religiosa e seguem caminhos completamente distintos, como no caso do Metal.

Outro fator bastante intrigante é o fato de vivermos ainda num país com uma multiplicidade cultural bastante variada, em que cada região do país possui características culturais diferentes. Para pensarmos essa problemática partimos para outro documentário produzido pelo próprio Sam Dunn, chamado de *Global Metal* (2008), nesse documentário o antropólogo, diferentemente do primeiro que prezou em estudar a cultura do *Heavy Metal* em um âmbito geral, focalizou seu objetivo em estudar o *Heavy Metal* em diferentes culturas, e

---

<sup>72</sup> Revista Rock Meeting, matéria Mulheres no Rock (Nº 2, Ano I, p. 9).

uma dessas culturas era justamente a brasileira, e assumidamente deixa explícito que o Brasil é associado ao futebol, samba e às praias, mas que também é associado a uma grande cena do Metal pelos fãs do gênero. Aqui podemos ver que Sam Dunn possui duas visões distintas sobre o Brasil, a primeira é clássica imagem do Brasil como o país do carnaval, do samba e do futebol, a outra, e a que mais interessa no desenvolvimento deste trabalho, é a visão de um fã de Metal estrangeiro que vê o Brasil com uma grande cena de *Heavy Metal*. E aponta para o seguinte questionamento: “Então o que acontece para fazer o metal tão forte nesse país?”.

Primeiramente é importante frisar que a realidade da cidade de Campina Grande difere com a realidade das cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, cidades que aparecem no documentário *Global Metal*, pelo simples fato de Campina Grande ser associada à terra do forró mantendo o título megalomaniaco de Maior São João do Mundo como dito anteriormente.

O fato é que o Brasil por ser um país de dimensões continentais possui culturas locais distintas, o que já é o primeiro fator de que se vende uma imagem já definida e errônea sobre a totalidade do nosso povo, que é o país a do “país do samba”, tal identidade nacional brasileira ficou mais evidente na Ditadura Militar onde as campanhas publicitárias exaltavam as belezas brasileiras.

Diante do cenário brasileiro, Sam Dunn atribui ao processo de globalização o fator de vários jovens de mais variados países com culturas diferenciadas a se identificarem com tal gênero musical, é importante frisar, na entrevista de Carlos Vândalo, vocalista do Dorsal Atlantica, atribui a chegada do *Heavy Metal* junto com a democracia depois de pouco mais de vinte anos da Ditadura Militar brasileira, Max Cavallera (ex-vocalista e guitarrista do Sepultura) no mesmo documentário faz uma reflexão sobre a música do Sepultura ser uma música produzida num país de terceiro mundo, no caso Brasil, e sendo ouvida por outros países do terceiro mundo, no caso em específico da Indonésia no qual a banda fez um show no ano de 1993 quando o país ainda vivia em uma ditadura, e de como o documentário mostra a identificação dos *headbangers* de lá com o Sepultura (DUNN, Sam; MC FAYDEN, Scot. 2008). O documentário *Global Metal* é muito rico no sentido de que apresenta não apenas o *Heavy Metal* em várias culturas, mas também de como o documentário tem uma aproximação com o conceito de identidades na pós-modernidade apresentada pelo sociólogo jamaicano Stuart Hall (2006), no que se refere a o impacto da “globalização” nas culturas nacionais que acabam fragmentando tais culturas sob as influências estrangeiras ao qual Hall denominou também de “um complexo de processos e forças de mudança” (HALL, 2006, p. 67).

A proposta aqui não é de apontar um motivo em específico para um adolescente no final dos anos de 1980 começar a escutar Metal, pois os motivos não faltam, como o *Heavy Metal* é bastante abrangente no quesito lírico, as letras podem abordar temas como problemas sociais, repressão, morte, anti-cristianismo, literatura, fantasia, mitologia, história, paganismo, ocultismo e outras infinidades de assuntos ou simplesmente o gosto se origina pela identificação com o instrumental. Cada sujeito tem seu próprio motivo para gostar do Metal, o que importa é que o sujeito passa por um “processo de identificação” que “na linguagem do senso comum, a identificação é construída a partir do reconhecimento de alguma origem comum, ou de características que são compartilhadas com outros grupos ou pessoas, ou a partir de um mesmo ideal” (HALL, 2000, p. 106), em linhas gerais, no caso dos *headbangers* de Campina Grande, não importava o que o Maior São João do Mundo tinha a oferecer, e sim qual seria o próximo disco do *Slayer*, qual a próxima demo tape do *Nephastus*, ou quando seria o próximo show na cidade, é a premissa de que “quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos... mais as identidades se tornam desvinculadas” (HALL, 2006, p. 75).

Para nos ajudar a pensar isso Hall nos diz que “o próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático” e completa falando que:

Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente, e não biologicamente (HALL, 2006, p. 12-13).

Ao final desse processo percebemos que desencadeia uma rede de adolescentes e também adultos que por compartilharem do mesmo gosto musical chamado *Heavy Metal*, e que o conceito de “tribo global” de Sam Dunn (2008) se encaixa perfeitamente dentro da perspectiva de que o Metal está em todas as partes do nosso globo sendo representada por diversas pessoas que ajudam para que o gênero se mantenha firme até os dias de hoje. Mas o que seria essa “tribo global”? O conceito de “neotribalismo” de Michel Maffesoli (2010) nos é útil para responder tal indagação, pois para ele às “neotribos”, também conhecidas como “tribos urbanas”, são grupos sociais que não possuem vínculo familiar, mas que dividem características da prática social, visual e ideológica que se dá por meio de encontros, no caso dos *headbangers* tais encontros são os shows, onde se há uma intensa partilha das práticas sociais do grupo. Tais grupos no ato do compartilhamento de tais emoções e experiências com aqueles que se identificam acabam criando relações sociais que por consequência servem para

diferenciar com outras “tribos” existentes no mesmo espaço das grandes cidades, seja de forma ideológica ou visual. Quando Sam Dunn (2008) colocou o termo “Tribo Global” em seu documentário, ele levou em consideração justamente os aspectos gerais que existem em todo o mundo para o ser “*headbanger*”, aspectos esses que no geral se baseiam nos aspectos musicais e vestuais.

### 3.2 O contexto

Passados os acontecimentos da redemocratização brasileira e do festival do *Rock in Rio* no ano de 1985, as bandas campinenses começaram a articular as primeiras ideias para a formação de bandas, no caso do *Nephastus* a ideia de formar uma banda já vinha desde 1984 (PONTES & LIRA, 1988), mas só se concretizou em 1986, sendo assim considerada uma das primeiras bandas de Metal de Campina Grande.

O número aproximado de bandas que surgiram entre o ano de 1985 e o ano de 1994 em Campina Grande foi de dezesseis bandas, tal número não é exato, pois existiram bandas que fizeram parte da cena nesse período, mas se tem pouco ou nenhum registro documental ou sonoro que pudéssemos ter acesso durante o tempo em que foi conduzida a pesquisa. Muitas dessas bandas deixaram de existir no próprio período destacado, outras continuaram na ativa, e algumas mudaram de cidade e estado. Tais bandas são: *Abaddon*; *Agression*; *Caveira*; *Devastator*; *Doi-Codi*; *Gore Vomit*; *Interitus*; *Krueger*; *LockHeed*; *Mind Grind*; *Morbdus*; *Mortífera*; *Nephastus*; *Ostia Podre*; *Sickness*; *Stomachal Corrosion*.

Outro fator bastante importante é que com um número considerável de bandas que faziam parte do cenário campinense, havia constantes mudanças nas suas formações, como podemos observar na biografia de uma das bandas que fazia parte da cena, a *Stomachal Corrosion*<sup>73</sup> serve de exemplo, pois nos mostra que por diversos fatores a banda não possuía uma formação estável, tal realidade também se fazia presente em outras bandas não apenas de Campina Grande, mas de outras localidades. Esses aspecto fez com que muitas bandas possuíssem apenas um ou dois membros que permaneciam por todas as formações, tal fato pode ser explicado pela incompatibilidade ideológica ou problemas pessoais variados.

Acontecia também de um sujeito fazer parte de duas ou mais bandas ao mesmo tempo, ou às vezes desempenhar a capacidade de tocar vários instrumentos, o que permitia que esse sujeito fosse também bastante requisitado nas mais diversas funções em uma banda caso

---

<sup>73</sup> CURCIO, 2009.

ocorra mudanças na formação<sup>74</sup>, como no caso da Kedma Villar, que tocou cavaquinho (no caso o primeiro instrumento), acordeom, baixo, bateria e vocais (com especialidade na técnica gutural)<sup>75</sup>, e no caso de Charlie Curcio que pelas constantes mudanças de formação alternou por todas as funções dentro da Stomachal Corrosion, como baixista, vocalista, guitarrista e baterista.

Como as cenas *underground* locais é um meio em que se encontra uma relação de amizade mais íntima entre os membros que fazem parte, existia um compartilhamento de locais e equipamentos para os ensaios das bandas, tendo em vista a dificuldade de encontrar equipamentos, existia casos em que bandas não chegavam a ter nenhum instrumento ou local para ensaiar, algumas bandas firmavam parcerias, enquanto uma fornecia os equipamentos, a outra cedia o local para os ensaios, como exemplo da própria *Stomachal Corrosion* que dividiu espaço de ensaios e equipamento com até mais de quatro bandas do cenário campinense, dentre elas o *Agression*, *Mortífera*, *Krueger* e *Mind Grind*, além de dividir espaço também com a banda de Hardcore/Punk C.U.S.P.E<sup>76</sup> entre o período de 1991 e 1995.

A dificuldade para se produzir materiais da banda também era imensa, uma das principais bandas que fazia parte do cenário campinense, o *Nephastus* conta, em sua pequena biografia no encarte do relançamento em formato CD, do selo *Rising Records* de Mossoró do estado do Rio Grande do Norte<sup>77</sup>, do seu disco *Tortuous Ways*<sup>78</sup> de 1991 lançado inicialmente pelo selo *Whiplash Records* da cidade de Natal no mesmo estado do Rio Grande do Norte, afinal foi esse disco que deu o status a banda de ser a primeira no gênero de Metal paraibano a lançar uma *full-length*<sup>79</sup>, que:

Em uma época em que qualquer gravação equivalia a uma árdua conquista, foram necessários dois anos para que Marcos (Vocal e baixo), Gilberto Jr. (guitarra) e Tarcio (bateria) soltassem a fita-demo “Your Inside in Flame”<sup>80</sup>, que a despeito das previsíveis limitações da gravação, trazia um thrash vigoroso, com alternância de bases, bons solos e composições intrincadas (“Violence or Death” possuía mais de oito minutos de duração!), que surpreendia não apenas por ser o primeiro registro, mas também, e principalmente, por brotar de um contexto em que os próprios limites estilísticos de estilos como death a thrash ainda estavam sendo definidos<sup>81</sup>.

<sup>74</sup> Há exemplos de bandas e projetos musicais dentro do Metal em que um único sujeito desempenha todas as funções instrumentais e vocais na maioria de seus registros sonoros lançados e a grande maioria não realiza apresentações ao vivo, como no caso do Bathory (Suécia) e Burzum (Noruega).

<sup>75</sup> Revista Rock Meeting matéria Mulheres no Rock (Nº 2, Ano I, p. 9).

<sup>76</sup> CURCIO, 2009.

<sup>77</sup> A versão em CD além de contar com as versão remasterizada do disco também conta com as versões remasterizadas das demos “Your Inside in Flames” e “Depressive Dementia”.

<sup>78</sup> Caminhos tortuosos em tradução livre.

<sup>79</sup> Significa álbum completo em tradução livre. Ver: <http://www.metal-archives.com/bands/Nephastus/9771> .

<sup>80</sup> Você dentro da Chama em tradução livre.

<sup>81</sup> Trecho retirado do encarte da versão remasterizada em CD do álbum *Tortuous Ways* do *Nephastus* de 1991.

Dentro desse cotidiano majoritariamente masculino, as mulheres também tiveram seu papel primordial para a construção da cena local, mesmo que em menor número que os homens, desempenharam um papel de destaque dentro da cena em especial a figura de Kedma Villar que fundou duas bandas enquanto fez parte da cena *headbanger* de Campina Grande, a *Mortífera* (bateria) e a *Mind Grind* (vocalista), além de ter feito parte de uma das primeiras bandas de *Black/Death Metal* de Campina Grande, a Ostia Podre (baixista).

As mulheres dentro do contexto do *Heavy Metal* sempre tiveram um destaque, no capítulo anterior, vimos o protagonismo de uma mulher à frente de uma das principais bandas que produziam um som que seria base para o *Heavy Metal*, o *Coven* que tinha nos vocais a Jinx Dawson, há outros casos de protagonismo no universo do Rock/Metal como a própria Janis Joplin, porém no universo propriamente do *Heavy Metal*, tal protagonismo começou por meio das *Groupies*<sup>82</sup>, porém tal situação mudaria quando começaram a surgir as primeiras mulheres a se dedicarem à música e ao *Heavy Metal*, como no caso da banda inglesa *GirlsSchool* e também alemã *Warlock*, banda que tinha como vocalista Doro Pesch que é considerada a rainha do Metal. Esse crescente número de mulheres no *Heavy Metal* foi um importante fator para provar que o ambiente do Metal não era só um “clube de garotos” que se identificavam com aquele som veloz e pesado, as mulheres passaram a mostrar que não eram só *Groupies*, inclusive em combate contra esse dilema.

Ao vermos o documentário *Mulheres no Metal* disponível no *Youtube*<sup>83</sup> percebemos que além do machismo bastante presente na cena brasileira, não existia vestuário especificamente femininos para fãs mulheres que tinham que usar jaquetas de couro ou tênis masculinos para montar o seu próprio visual<sup>84</sup>. Não muito diferente do que acontecia no mundo o preconceito com as mulheres no metal também estava presente na cidade de Campina Grande como nos diz Kedma Villar:

[...] Sofri alguns preconceitos até dos próprios meninos, e fui aos poucos quebrando os paradigmas e que não estava ali para namorar um cabeludo (risos) e mostrei que tinha interesse no som<sup>85</sup>.

Com o crescente público feminino, logo não demoraria a aparecer às primeiras bandas compostas só por mulheres, ou que tivessem uma mulher como integrante, e uma delas foi a

<sup>82</sup> Eram mulheres que iam atrás de Rockstars, ou eram procuradas por eles, para ter relações sexuais com eles ou outros tipos de atividades.

<sup>83</sup> Ver: <https://www.youtube.com/watch?v=jj2EI8keIBs>.

<sup>84</sup> Nos dias atuais existe até um mercado especializado para tal demanda.

<sup>85</sup> Revista Rock Meeting, matéria Mulheres no Rock (Nº 2, Ano I, p. 9).

*Mortífera* que segundo o site *Metal Archives*<sup>86</sup> foi a primeira banda de *Death Metal* formada só por mulheres no Brasil, e segundo Kedma, a revista *Rock Brigade* na época chegou a fazer uma matéria com a banda afirmando que eram “a primeira banda de *Death Metal* feminino do mundo”<sup>87</sup> ao falar sobre a *Mortífera* e sobre o papel da mulher Kedma diz:

É minha banda do coração. A *Mortífera* fez grande sucesso na região Nordeste, tocando em várias cidades e contribuindo para mudar o cenário local, dominado pelo universo masculino. Acho que serviu principalmente para as meninas serem levadas a sério. Até então, a participação das garotas no Metal era no papel de groupies. O melhor dessa fase foi viajar e conhecer muita gente legal nos lugares onde tocamos. Amizades que ficaram até hoje<sup>88</sup>.

E de fato a *Mortífera* ganhou bastante respeito dentro do cenário *underground* nordestino, um trio de mulheres produzindo o metal da morte e ajudando a dar mais ênfase e respeito a ao *underground* de Campina Grande.

Dentro de todo esse cenário em que as bandas locais tinham que enfrentar constantemente dificuldades para produzir algo para movimentar o *underground* da cidade, isso não impediu para que os jovens atuantes desistissem de lutarem por aquilo que gostavam no caso, para manter o Metal vivo no subterrâneo da cidade.

### 3.3 As bandas

Neste tópico trataremos de mostrar as bandas que fizeram parte da cena *underground* campinense entre os anos de 1985 e 1995. Vale lembrar que não foi encontrado material de todas as bandas citadas anteriormente, pois nas fontes pesquisadas só tinham uma menção a tal banda, ou ela aparecia em algum cartaz de show.

As fontes utilizadas para este capítulo foram *releases* publicados em zines ou avulsos, que funcionavam como um informativo geralmente com uma página em que contém informações básicas de uma banda, geralmente acompanhada por foto como no exemplo abaixo:

<sup>86</sup> Ver: <http://www.metal-archives.com/bands/Mort%C3%ADfera/3540282613> .

<sup>87</sup> Revista Rock Meeting, *loc. cit.*

<sup>88</sup> *Ibidem*, perfil RM (Nº 19, Ano II, p. 27).

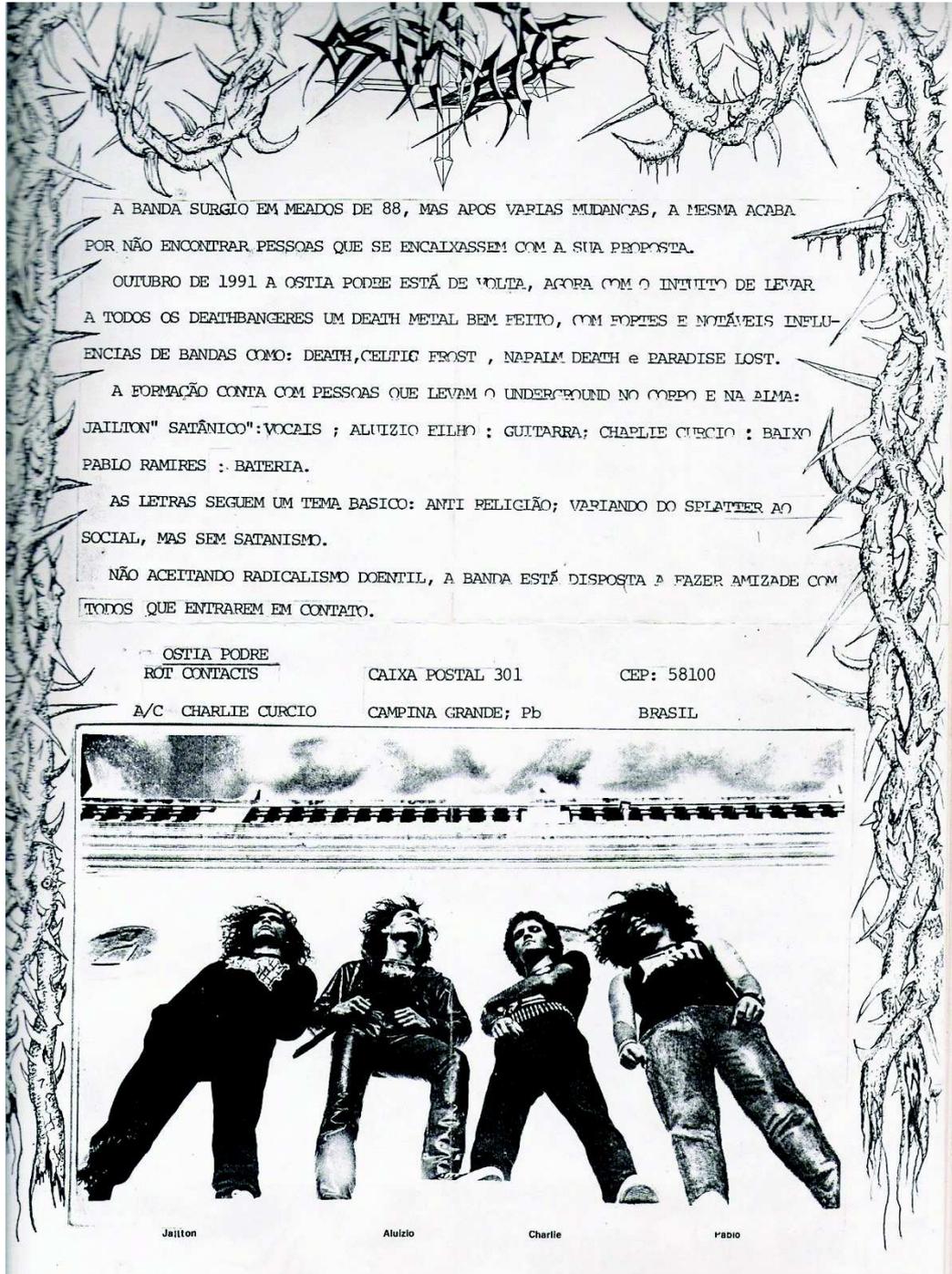


Figura 6 Release N° 2 do Ostia Podre<sup>89</sup>

A estrutura de um *release* era basicamente uma breve biografia, por vezes informações com a formação inicial e um pouco da ideologia da banda, assim como outras bandas que serviram de influências, e por fim a caixa postal da banda para que pessoas interessadas entrarem em contato para troca de materiais ou contato para possíveis shows.

<sup>89</sup> Release disponível para junto com as demos da própria banda no link: <http://www.mediafire.com/download/51quu23ro053oyv/1991+-+Ostia+Podre.rar>.

Vale destacar que algumas fontes utilizadas neste trabalho não estavam muito bem digitalizadas ou já apresentavam uma leve deterioração impedindo uma melhor leitura, uma vez que os cedentes dos documentos não moram mais em Campina Grande e sim em outros estados, só sendo possível a obtenção por meio da internet. Outra questão importante é que algumas informações nos documentos são conflitantes, tendo em vista que em um documento uma determinada banda apresenta um ano como o da fundação e em outro documento é apresentado outro ano.

Segue abaixo informações básicas das principais bandas que fizeram parte da cena *underground* de Campina Grande.

*Abaddon*: Banda de Black/Death Metal surgida em dezembro de 1991 e que teve seu fim provavelmente no ano de 1992<sup>90</sup> como formação principal Nightmare (bateria), Christianicide (baixo/vocal) e Lord Crucificator (guitarra/vocal)<sup>91</sup>. Segundo a entrevista realizada pela zine *Crazy Invasion* N° 7 a banda tem como temática principal mostrar “toda a falsidade e hipocrisias existentes em altares opulentos do cristianismo”. Tem como registro uma demo-ensaio (1992) e uma *compilation* (2012).



Figura 7 Logo do Abaddon<sup>92</sup>

*Agression*: Banda que surgiu em 1990 (não se sabe o ano do término da banda) com influências em diversas bandas desde o *Heavy Metal* tradicional a *Death Metal*, a banda não se prendia a rótulos, com temáticas que abordavam “temas trágicos e reais encontrados em um

<sup>90</sup> Carece de fontes.

<sup>91</sup> Ver: <http://www.metal-archives.com/bands/Abaddon/3540350430>.

<sup>92</sup> Ibidem.

mundo cheio de crenças e crueldades” a banda se firmou com Moisés C. L. (Vocal), Afrânio (Guitarra), Lucimário (Baixo) e Patrício (Bateria)<sup>93</sup>.

*Caveira*: Surgiu em 1987 (não se sabe o ano do término da banda) com a proposta de fazer um *Death/Trash Metal* que tivesse “temas reais e complexos relativos aos nossos problemas interiores, mas que influem direta e angustiamente (sic), em nossa realidade”<sup>94</sup>, contava com Alessandro (guitarra/vocal), Mucio (guitarra), Wagner (bateria) e Kleber (baixo), e deixou como registro uma demo-ensaio (1988).



Figura 8 Logo do Caveira<sup>95</sup>

*Gore Vomit*: Banda de Death Metal formada em julho de 1989 (não se sabe o ano do término) por Nightmare (vocal)<sup>96</sup>, Cruxifixion (guitarra), Slaughter Hammer (bateria) e Rotten Children (baixo) tinha como objetivo “trucidar mentes mentes que dominam os ignorantes seres humanos”<sup>97</sup>, deixou como registro uma demo homônima e uma bootlag<sup>98</sup> intitulada de *Live in Campina Grande*, ambas de 1989.

<sup>93</sup> Agression, release s/d.

<sup>94</sup> Caveira, release s/d.

<sup>95</sup> Disponível em: <http://www.metal-archives.com/bands/Caveira/3540297588>.

<sup>96</sup> Que mais tarde integrou o Abaddon como baterista.

<sup>97</sup> Gore Vomit, release s/d.

<sup>98</sup> Gravações de shows ao vivo.



Figura 9 Logo do Gore Vomit<sup>99</sup>

*Interitus*: Formada no início dos anos 90<sup>100</sup> (possivelmente seu fim foi em 1991) por Fábio Rolim (guitarra), Alexandre “gulu” (guitarra), Beto (baixo) e Pablo (bateria/vocal). Deixou como registro uma demo-ensaio intitulada de “*Thrown in The Corners*”<sup>101</sup>.

*Krueguer*: Banda de *Death/Thrash Metal* que surgiu em 1987, passou por algumas formações, mas manteve por mais tempo a dupla Adriano Krueger (vocal/guitarra) e Zé Carlos (baixo), em seu currículo a banda já possui duas full-length, um EP, uma Split e duas demos. Se mantém ativa até os dias atuais porém mudou-se para o Rio de Janeiro no final dos ano 90.



Figura 10 Logo do Krueger<sup>102</sup>

*Mortífera*: Banda de *Death Metal* formada só por mulheres que surgiu entre 1987 e 1988 e chegou ao fim entre 1991 e 1992<sup>103</sup> começou com Edvane (vocal/guitarra), Kedma

<sup>99</sup> Disponível em: [http://www.metal-archives.com/bands/Gore\\_Vomit/3540351727](http://www.metal-archives.com/bands/Gore_Vomit/3540351727).

<sup>100</sup> O primeiro registro encontrado da banda foi na fãzine Crazy Invasion, ano I, N° 3, 1990 .

<sup>101</sup> Crazy Invasion, N° 5, s/d.

<sup>102</sup> Informações e logo retiradas do link: <http://www.metal-archives.com/bands/Krueger/7120>.

<sup>103</sup> Aqui há uma conflito entre fontes, no site do *Metal Archives* aponta o período de duração da banda entre 1987-1991, porém Kedma Villar aponta em sua entrevista a Revista Rock Meeting N° 2 que o período de atuação da banda foi 1988-1992.

Villar (bateria) e Rose (baixo), mas logo sofreu uma mudança na sua formação com a saída de Rose e a entrada de Elizângela (baixo), se tornando assim a formação que permaneceu até o final das atividades da banda, deixou como registro uma demo-ensaio, os temas de suas letras “seguem a linha do horror gótico, ficção, morbidez, loucura sobrenaturalidade e também problemas sociais”<sup>104</sup>.

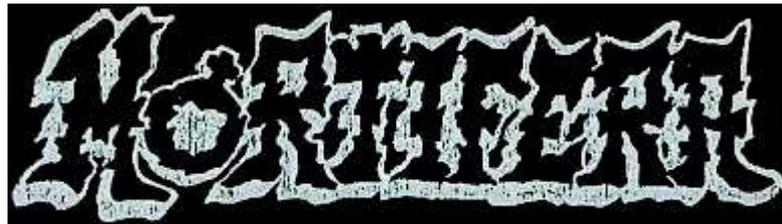


Figura 11 Logo da Mortífera<sup>105</sup>

*Nephastus*: Banda de Thrash Metal que surgiu em 1986 e teve seu término em 1994, que aborda temas como problemas sociais, política e filosofia<sup>106</sup>, teve como formação inicial Gilberto (guitarra), Marcos (vocal), Guilherme (baixo) e Marconi (bateria) e após várias mudanças de formação se consolidou com Gilberto (guitarra/vocal), Fábio Rolim ex-interitus e ex-devastator (guitarra), Davi Lima (baixo) e Tércio Rodrigues (bateria) formação essa que ficou conhecida por gravar o disco “*Tortuous Ways*” (1991), a banda também duas demos “*Your Inside in Flames*” (1988) e “*Depressive Dementia*” (1990)<sup>107</sup>.



Figura 12 Logo do Nephastus<sup>108</sup>

*Ostia Podre*: Banda de *Death/Black Metal* formada em 1988 (e teve seu término possivelmente em 1991) e após várias trocas de formação se estabilizou com Kedma Xamã<sup>109</sup> (baixo), Crotectas (guitarra), Cospe Prego (bateria) e Necrovomito (vocal e guitarra)<sup>110</sup>. Após a banda ficar um tempo parado retornou em 1991 com uma nova formação, com membros

<sup>104</sup> Crazy Invasion, s/a, N° 6, 1992.

<sup>105</sup> Disponível em: <http://www.metal-archives.com/bands/Mort%C3%ADfera/3540282613>.

<sup>106</sup> Ver: <http://www.metal-archives.com/bands/Nephastus/9771>.

<sup>107</sup> Informações contidas no encarte do relançamento em CD do álbum “*Tortuous Ways*”.

<sup>108</sup> Disponível na página no *Metal Archives* do Nephastus.

<sup>109</sup> É a mesma Kedma Villar baterista da Mortífera.

<sup>110</sup> Ostia Podre, release N° 1, s/d.

que faziam parte da *Stomachal Corrosion* (CURCIO, 2009), e ficou com Jailton “Satânico” (vocal), Aluizio Filho (guitarra), Charlie Curcio (baixo) e Pablo Ramires (bateria). As letras da banda se baseiam na temática anti-religião, splatter<sup>111</sup> e o social. Deixou registrado apenas duas demo-ensaio<sup>112</sup>.

*Stomachal Corrosion*: Banda de grindcore<sup>113</sup> formada em 1991 e na ativa até os dias atuais, passou por várias formações tendo como único membro que passou por todas elas Charlie Curcio que desempenhou todos os postos dentro da banda. A banda sempre teve a temática social e também temas como o Splatter. Possui vários registros gravados, inclusive em vídeo também (CURCIO, 2009).



Figura 13 Logo da Stomachal Corrosion

As bandas aqui apresentadas não representam a totalidade das bandas que surgiram em Campina Grande no período em discussão, porém são bandas que mesmo com curtas durações apresentam histórias de como era o *underground* de Campina Grande, onde a vontade de se ter uma banda e possuir nem que fosse uma fita gravada de sua própria banda era maior que a necessidade de se ter bons instrumentos, isso acarretou parcerias fortes dentro da cena Metal campinense, o que não significa necessariamente que existia uma união que integrasse todas as bandas como iremos discutir no próximo capítulo, porém nos serve para dar a dimensão de como a cena *underground* de *Heavy Metal* campinense se tornou tão respeitada.

<sup>111</sup> É um gênero de filmes de terror que usa de cenas com presença de muito sangue, mutilação e violência gráfica.

<sup>112</sup> Ostia Podre, release N° 2, s/d.

<sup>113</sup> Gênero que é a mistura de *Death Metal*, *Hardcore* e *Punk*

#### 4 CAPÍTULO III – WELCOME TO RITUAL, WELCOME TO DEATH

Ao discutirmos o *Heavy Metal* em Campina Grande, não podemos deixar de fora dois aspectos fundamentais. O primeiro seria de como se dava a veiculação em nível local, regional, nacional e internacional de informações sobre as bandas tanto do *underground* quanto do *mainstream*. O segundo aspecto seria a discussão de como ocorriam os shows *underground* na cidade e quais espaços mais utilizados, tendo em vista que o show é o acontecimento mais importante para a manutenção de relações dentro desse universo do *Heavy Metal*, é a celebração máxima de comportamentos típicos para a “tribo”.

Ser *headbanger* não é somente gostar de *Heavy Metal* e se vestir como um, mas o que faz parte do cotidiano de um *headbanger* é o seu apoio para com o movimento que se instala em sua cidade, comprar materiais das bandas, produzir shows, editar zine, ir a shows, ter uma banda também faz parte, e às vezes um mesmo indivíduo faz tudo isso ao mesmo tempo.

A troca de informações se dava por meio de zines, o presente trabalho faz a análise dos sete números da zine *Crazy Invasion* e pelos números um e número três da Revista Merda, ambas editadas na cidade de Campina Grande entre os anos de 1990 e 1992, porém não eram as únicas que circulava pela região Nordeste. No cenário nacional temos o exemplo da revista *Rock Brigade*, que começou como uma fanzine no ano de 1981 e já na segunda metade da mesma década era uma revista especializada no gênero. Existe até os dias atuais; serviu como uma base informacional para fãs de todo o Brasil, e teve bastante importância para uma época em que a internet não existia no país. Outra forma de troca de informações se dava por meio de correspondências, a fanzine *Crazy Invasion* e a Revista Merda tinha uma sessão<sup>114</sup> onde se colocava os endereços e números de caixas postais de bandas, distribuidoras, selos<sup>115</sup>, e outros zines de diversas partes do Brasil para no caso do leitor se sentisse interessado, entrar em contato através de correspondências para troca de materiais e outros fins.

---

<sup>114</sup> *Crazy Invasion*, Nº 1-7, 1990-1992;

Revista Merda, Nº 1, s/d; Nº 3 s/d.

<sup>115</sup> Dentro do universo *underground* as distribuidoras ou simplesmente “distros” são responsáveis por distribuir materiais de bandas, funcionando como uma espécie de loja. Já os “selos” são gravadoras de pequeno porte, ou também conhecidas como gravadoras independentes, responsáveis pela prensagem, divulgação, distribuição e venda de materiais de bandas *underground*, desempenham a mesma função que uma gravadora de grande nome, porém em níveis menores, geralmente as tiragens de lançamentos do *underground* são bastante limitadas, chegando ao máximo de mil a três mil cópias, um dos selos mais conhecidos no Brasil se tratando de *Heavy Metal* é a *Cogumelo Records* do estado de Minas Gerais, que foi responsável pela gravações de grandes bandas do cenário nacional como as bandas Sepultura e Sarcófago. A *Cogumelo Records* começou originalmente como uma loja de discos, mas em 1985 se transformou também em um selo, ajudando na gravação e difusão das bandas mineiras e de outros estados, tornando o estado de Minas Gerais como um dos principais expoentes do *Heavy Metal* brasileiro e mundial.

O show seja ele de pequeno porte ou em estruturas como festivais grandiosos espalhados pelo mundo, é o ápice dessa celebração de ser *headbanger*, pois quando um evento acontece na cidade significa que as mais variadas relações afetivas ou comerciais acontecem, como compra e venda de materiais das bandas, troca de zines, além de o espaço servir para consumo de bebidas alcoólicas e drogas, conversa entre amigos, é também no show que os *headbangers* geralmente se vestem com trajes comuns no meio<sup>116</sup> e se comportam com atitudes como “bater cabeça”, realizar “mosh” e “stage dive”<sup>117</sup> (VASCONCELOS, 2015).

#### 4.1 Underground e Mainstream

O objetivo desse capítulo é discutir os meios de comunicação e os shows de *Heavy Metal* que aconteceram em Campina Grande entre 1985 e 1995, porém não poderíamos deixar de fora uma discussão bastante importante para o leitor que é a discussão do que é *underground* e do que é *mainstream*.

Quando o *Black Sabbath* iniciava sua carreira no início dos anos de 1970, eles não se apresentavam em grandes palcos ou tinham contratos com grandes gravadoras, tudo ainda era pequeno com apresentações modestas em palcos modestos, ou seja, no *underground* que em sua tradução literal significa subterrâneo. O sucesso comercial e contratos com gravadoras vieram depois, em consequência grandes concertos foram realizados, especialmente nos Estados Unidos, é quando a banda atinge o status de *mainstream*, isso significa que a banda fazia agora parte do grande mercado musical mundial, o *Heavy Metal* se tornou popular e atingiu seu ápice na segunda metade dos anos de 1980 (DUNN; MC FAYDEN, 2006).

Esse diálogo entre *underground* e *mainstream* é bastante complexo, pois ambos precisam um do outro para se manter. Pensemos essa relação da seguinte forma: *underground*

---

<sup>116</sup> As vestes variam dependendo de qual segmento o indivíduo mais gosta, mas uma há uma predominância de roupas com a cor preta, camisas de alguma banda de Metal e jaquetas de jeans ou de couro com botons e patches presos representando símbolos ou bandas de metal. O visual de um *headbanger* extrapola o limite do vestuário, pois a grande maioria dos também conhecidos como “*bangers*” modificam a sua aparência física, deixando seus cabelos ou barbas grandes no caso dos homens, também há a utilização de brincos e piercings e tatuagens corporais com símbolos de bandas ou relacionados ao universo do *Heavy Metal*.

<sup>117</sup> “Bater cabeça” é o ato de balançar a cabeça no ritmo da música, o termo original se chama “*headbanging*”, daí vem o termo “*headbanger*” para as pessoas que são fãs de *Heavy Metal*. “*Mosh*” também é conhecido com “roda de pogo”, “roda punk” e “mosh pit” é ato de se criar uma roda onde os indivíduos se esbarram um nos outro. “*Stage Dive*” é o ato de subir no palco e pular em direção ao público. Em alguns segmentos do *Heavy Metal*, como por exemplo, no *Black Metal*, tais atos como o “*Mosh*” e o “*Stage Dive*” não são realizados dadas as característica do ritmo da música, sendo o ato de “bater cabeça” o mais repetido por todos os fans de *Heavy Metal*. Tais atitudes são frequentemente mais repetidas em shows de *Thrash Metal*, *Death Metal*, *Hardcore* e *Punk*.

– *mainstream* – *underground* – *mainstream*. O Metal surgiu do *underground* depois se tornou *mainstream* e com essa influência em maior escala, serviu para aumentar o número de fãs no mundo inteiro, assim criando as cenas *underground* locais. A explicação para isso seria que com o grande sucesso comercial do *Heavy Metal* com bandas que começaram no *underground*, serviu de influência para que jovens do mundo todo começassem a dar seus primeiros passos com suas bandas e, conseqüentemente, o nascimento das primeiras cenas embrionárias por todo o globo, como o mercado fonográfico é um meio em que sempre precisa de um produto novo para ser vendido, algumas bandas que também pertenciam ao *underground* ganham mais visibilidade, alcançado o status de uma banda *mainstream*, e que influenciaria outros jovens, ajudando assim a manutenção das cenas *underground* já existentes e também a criação de outras.

Em resumo, ambos apresentam certa dependência um do outro: o *mainstream* precisa do *underground* para se reinventar e obter novas formas de lucro, e o *underground* precisa do grande alcance que o *mainstream* têm do grande público para que novos fãs surjam e sigam com as cenas locais.

Mas há muitas exceções a essa lógica exposta acima, pois existem algumas bandas que já surgem dentro do ambiente *mainstream*; e não necessariamente toda banda *underground* quer ter o grande sucesso que uma banda *mainstream* tem. Algumas bandas do *underground* se posicionam contra a lógica do mercado fonográfico lançando materiais com um número muito limitado de cópias, se restringindo cada vez mais a um ciclo fechado dentro do subterrâneo, porém não significa que essas bandas do *underground* não tenham tanta influência por ser do subterrâneo, lembremos que mesmo bandas que fazem parte do *underground* podem ter um alcance muito significativo, sendo influentes até em outros países, obviamente tal alcance é mais demorado em comparação às bandas do *mainstream*, mas também é um demonstrativo de que o subterrâneo tem bastante força para ultrapassar fronteiras distantes, por exemplo, o Sepultura<sup>118</sup> que antes de seu sucesso comercial na primeira metade da década de 1990, já havia realizado shows fora do país.

Vasconcelos (2006) afirma que o *mainstream* não tem cena, pois este se organiza em qualquer lugar por que é um meio onde só se visa o lucro, seus shows podem ocorrer em casas de shows com grande estrutura ou até em estádios, locais que são totalmente “impessoais” ao público. Geralmente as bandas pertencentes ao *mainstream* tem uma grande popularidade, sendo conhecidas até por quem não é fã do gênero<sup>119</sup>. Já o *underground* possui a sua cena,

<sup>118</sup> Banda brasileira de Thrash Metal (inicialmente) surgida em 1984.

<sup>119</sup> O exemplo maior é o Metallica, que para muitos é a maior banda de *Heavy Metal* do mundo.

pois este possui local onde há uma organização e frequente fluxo de headbangers. Do ponto de vista econômico ambos são distintos: enquanto no *underground* os materiais das bandas envolvidas são a preços acessíveis e não tem como objetivo a obtenção de lucro, no *mainstream* a produção fonográfica só visa o sucesso comercial.

Quando nos referimos ao *Heavy Metal* em Campina Grande entre 1985 e 1995 estamos falando de bandas que pertenceram exclusivamente ao *underground* e que tiveram reconhecimento a um nível local, regional, nacional e internacional, como podemos ver na imagem a seguir:

## KRUEGER

### O rock de Campina feito em inglês

A ordem é descolonizar. O rock, que nasceu no hemisfério norte e virou patrimônio da humanidade, faz agora o caminho de volta. Em Campina Grande, a banda **trash** Krueger descobriu uma maneira simples e ao mesmo tempo ousada de vender o seu trabalho. Sem disco gravado, os integrantes do Krueger cansaram de passar fitas demo para os amigos e decidiram arriscar o mercado internacional.

A idéia parece absurda mas não é. Se o projeto é pretensioso, o processo de execução é bastante simples. A comunidade **head banger** é mais organizada do que parece. Existem entidades representativas da "classe" espalhadas pelo mundo inteiro. Através dessas representações internacionais, o grupo distribui "flier papers" com o anúncio da fita demo e a quantia que deve

ser paga por quem quiser adquirir o trabalho. No Brasil, a fita sai por quatrocentos cruzeiros. Para os estrangeiros, a quantia é de quatro dólares.

A banda Krueger é formada por Alessandro (bateria), Carlos S.R. (guitarra base e **back vocals**), Adriano (vocais e guitarra) e Zé Carlos (baixo e **back vocals**). Os integrantes definem o trabalho da banda como "um som porrada para undergrounds". Os "flier papers" distribuídos pela banda estendem essa definição para "fucked sound from Brazil's Northeast", o que parece mais compreensível no Brasil do que num país de língua inglesa. A fita demo vendida pelo grupo atende pelo nome de **The Lord of the Death**, até o momento sem título em português. As quatro faixas da fita

são **Mr. Time**, **Nuclear War**, **Life and Death** e **Suicide is a Weakness**. A julgar pelos títulos, a banda não adotou somente o idioma inglês como referência. Parece que abraçaram também a cidadania londrina. Nuclear War está mais perto de Trafalgar Square do que do Açude de Bodocongó.

A banda campinense avança na mesma direção do grupo **Seputura** de Minas Gerais, que já tem um disco no mercado internacional. Graças à confraria **head banger**, esses grupos brasileiros começam a se projetar internacionalmente. Parece uma ótima saída para as bandas que não conseguem furar as barreiras do nosso limitado mercado fonográfico. A maioria dos músicos nacionais, no entanto, vai continuar mesmo como rato de porão.

A banda Krueger, de Campina Grande, não tem ainda disco gravado, mas consegue divulgar o seu trabalho fora do Brasil



Figura 14 Recorte de jornal pertencente ao acervo no grupo do Facebook Metal Forces.

O recorte de jornal acima nos mostra que a difusão de uma banda do *underground* podia ser grande, e que alcançava outros países, tal mecanismo é resultado do fato de que muitas bandas de todo o Brasil preferissem cantar as suas letras em inglês, mesmo que a fluência na língua inglesa não fosse rebuscada, isso ajudou muitas bandas brasileiras tivessem

forte difusão fora do país<sup>120</sup>, fazendo assim com que o caso da banda *Krueger* citada acima no recorte de jornal não fosse um caso isolado.

#### 4.2 Meios de difusão de informações

No mundo atual as informações tem um poder de alcance maior graças a Internet, existem muitos portais que tratam especificamente de *Heavy Metal*. No Brasil o maior portal na internet de notícias sobre *Heavy Metal* da atualidade é o *Whiplash*, mas não é o único meio, as redes sociais também são uma outra forma, através de páginas no *Facebook* e comunidades no extinto *Orkut*<sup>121</sup>, de se obter notícias tanto do âmbito *undergrund* como do *mainstream*. As revistas também estão presentes nos dias atuais como por exemplo a *Rock Brigade* e a *Roadie Crew*, o papel das fanzines ainda é de tamanha importância, ainda existem zines sendo editadas tanto no formato físico como no digital, algumas fanzines que ainda são editadas no formato físico tem uma distribuição bastante restrita.

Com a internet o acesso à informação e à música, através de downloads legais e ilegais, e a comunicação entre *headbangers* se tornou mais acessível por meio das redes sociais, onde ocorrem, a todo minuto, discussões sobre o gênero no mundo. Mas se voltarmos o nosso olhar ao período por nós investigado a realidade era completamente diferente, e a comunicação entre *bangers* se dava por meio de cartas, e as únicas formas de se obter notícias ou saber das ideias passadas pelas bandas eram através das fanzines ou das revistas especializadas. Com todas as dificuldades existentes o subterrâneo campinense também foi um exemplo de resistência a todas as adversidades.

Pensando dessa forma, podemos ter em mente a importância das fanzines num cenário em que se era muito complicado a obtenção de informações. Mesmo que o zine fosse editado com poucos recursos ele possuía um valor grande para os *headbangers* em Campina Grande como é bem representada na fala de Kedma Villar (ex - Mortífera, ex - Ostia Podre, ex - Mind Grind) em sua entrevista à revista *Rock Meeting*:

Noa (sic) anos 80, a internet só existia no Pentágono. Nos comunicávamos com o mundo através de cartas, mas no volume dos atuais e-mails. Recebíamos e

<sup>120</sup> O que não significa que as bandas que cantassem suas letras em português também não obtivessem uma forte divulgação além das fronteiras brasileiras. No documentário Ruído das Minas (SARTORETO; FONSECA; CÂMARA, 2009) vemos que existem bandas que fazem covers de bandas brasileiras cantadas em português.

<sup>121</sup> A *Google* manteve o acervo de todas as comunidades que estavam ativas até o fim da rede social na internet através do link: <https://orkut.google.com/>. Foi na comunidade *Thrash Metal*, numa postagem sobre o *Heavy Metal* nordestino, que o autor deste trabalho teve acesso a dois releases, uma do *Gore Vomit* e outra do *Ultra Violent*, que integram as fontes para este trabalho.

enviávamos uma enorme quantidade de correspondências (uma média de 60 por dia), e como também não tínhamos grana, desenvolvemos vários métodos de reaproveitamento dos selos postais (vez ou outra, éramos chamados pela Agência Central dos Correios pra levar uns puxões de orelha).

Os fanzines eram essenciais. E, assim, ficávamos a par das novidades do underground naquela época, é certo que a defasagem de tempo às vezes era de seis meses do lançamento de um disco ou de um show em vídeo-cassete, pois não haviam lojas especializadas, as skate/surf shops e que vez ou outra recebiam algum disco interessante. Por exemplo, para se comprar um LP importado (como o do Celtic Frost), se telefonava para alguma loja em São Paulo e fazia-se a encomenda, que nem sempre chegava inteira, isso depois de uns três meses do pedido (Ano2, N° 19, p. 28, 2011).

A dificuldade em manter contato com o mundo era grande, pois a dependência, majoritariamente no sistema de Correios brasileiro, tornava tal comunicação mais lenta e sem garantia que a encomenda chegasse inteira. Outro fator importante a se frisar era o volume de cartas que se recebia e enviava, isso se deve ao fato de que quem geralmente era muito ativo no *underground*, seja tendo uma banda, uma zine, uma distro ou tendo mais de uma atividade dentro do meio, precisava a todo o momento manter contato para divulgar seu trabalho, por exemplo, quem tivesse uma banda podia receber cartas de todas as localidades pelos mais diversos assuntos como entrevista de fanzines, pedidos de compra ou troca de materiais, ou simplesmente para manter contatos pessoais para discussão de ideias, muitas dessas correspondências também partiam das próprias bandas enviando os “flyer paper” (também conhecidos como releases) para fanzines de todas as partes, igual ao caso do Krueger citado no tópico anterior. É notável também que pelo fato de serem enviadas tantas correspondências, e as condições econômicas eram poucas para o envio, tais sujeitos ativos na cena desenvolveram uma método para reaproveitar os selos postais e evitar mais gastos.

A compra de materiais importados, tendo em vista que cópias nacionais de discos de bandas estrangeiras eram poucas<sup>122</sup>, era comum quando se possuía melhores condições econômicas, porém tal ação demorava meses, já apenas algumas lojas especializadas importavam tais discos, na realidade dos dias atuais é muito comum encontrar anúncios de distros na internet vendendo artigos importados, assim tinham uma longa espera para que a encomenda chegasse, ainda sob o risco de vir danificada.

A fanzine, ou também chamada só de zine, eram de fundamental importância dentro do underground, pois além de realizar entrevistas, eram um importante veículo para a divulgação de ideias, resenhas de materiais de bandas, resenhas de shows, além de, como já

---

<sup>122</sup> No documentário *Ruído das Minas* (2009) vemos que uma maneira utilizada para suprir a falta de vinis, alguns grupos de amigos juntavam dinheiro e compravam um vinil de uma determinada banda, e posteriormente gravavam cópias piratas em fita K7 para distribuir para os outros.

dito anteriormente, conter uma página com endereços para contatos de bandas e distribuidoras como vemos a seguir:

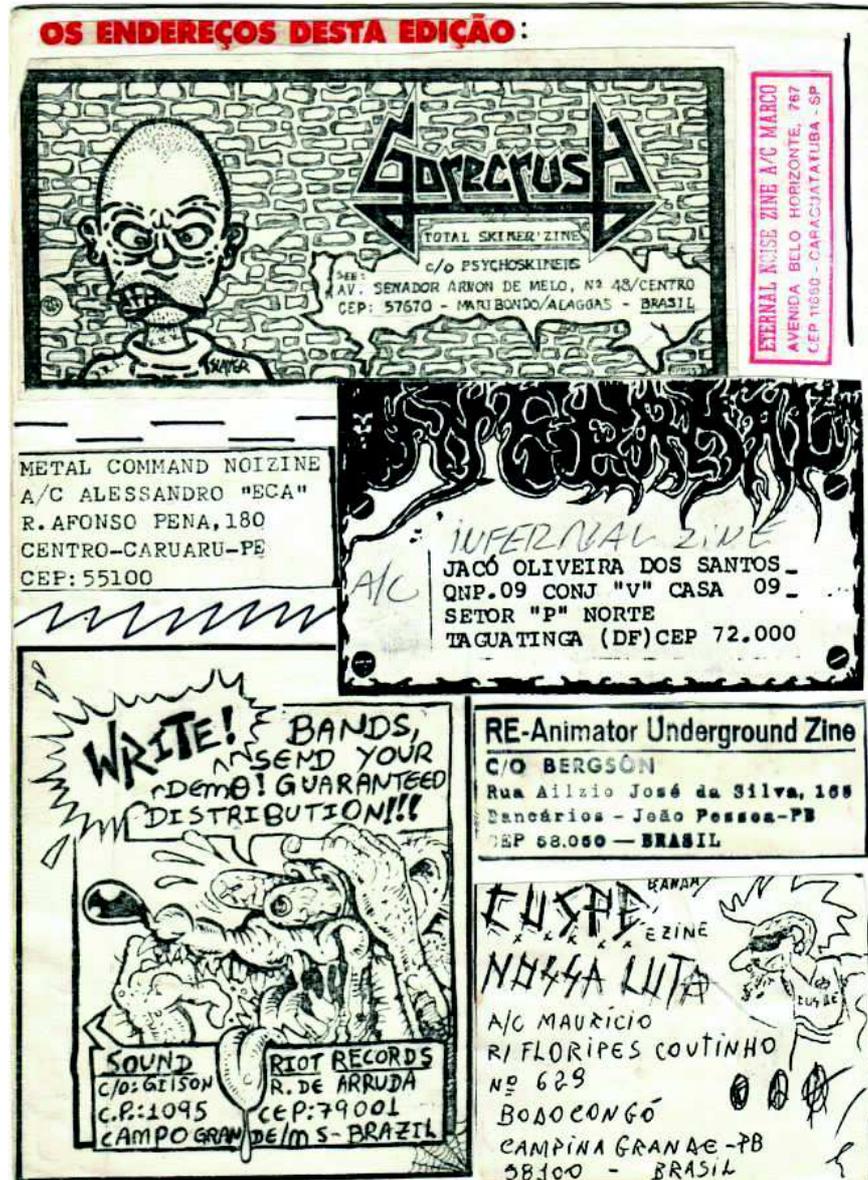


Figura 15 Página de endereços da Crazy Invasion N° 1<sup>123</sup>

Na análise feita dos sete números da zine *Crazy Invasion* percebemos que a fanzine mantinha contato, com diversas bandas, distribuidoras e outras zines do Brasil, e as entrevistas realizadas pela zine não só contemplavam bandas do cenário nordestino como também de outras regiões do Brasil, como a entrevista com a banda paulistana

<sup>123</sup> *Crazy Invasion*. Ano 1, N° 1, 1990.

*Hammerhead*<sup>124</sup>, a carioca *War*<sup>125</sup>, a mineira *Highnotrash*<sup>126</sup> e também a paulista *Pentacrostir*<sup>127</sup>.

A estrutura da *Crazy Invasion* era semelhante à uma revista comum, com capa, editorial, entrevistas, em algumas edições charges, ou matérias de teor político, em alguns números com a presença de resenhas de shows e de materiais das bandas e os endereços<sup>128</sup>. Vale lembrar que tanto a *Crazy Invasion* quanto a Revista Merda<sup>129</sup> apresentavam textos de caráter anarquista, pois é a ideologia vivida pelo editor da fanzine.

O processo de construção e edição de uma fanzine, mais especificamente a *Crazy Invasion*, é aparentemente feito de formas simples, por vezes com o uso de uma máquina de escrever para redigir as matérias ou escritas à mão, os efeitos visuais contidos na zine eram recortes de jornais ou de revistas que eram colados, depois de pronto o zine era fotocopiado e vendido a preço acessível ou distribuído de graça. Como tivemos acesso as matrizes, podemos perceber que os sete números da *Crazy Invasion* apresentam às mesmas características citadas acima como podemos observar abaixo, na capa do primeiro número da zine que nos serve para ilustrar como ficava o trabalho final de uma zine:

---

<sup>124</sup> *Crazy Invasion*. Ano 1, Nº 3, 1990.

<sup>125</sup> *Idem*.

<sup>126</sup> *Idem*.

<sup>127</sup> *Ibidem*. Ano 2, Nº 5, 1991.

<sup>128</sup> Todos os sete números analisados neste trabalho estavam sem sumário.

<sup>129</sup> A Revista Merda antecedeu a *Crazy Invasion*. Ambas eram editadas por Charlie Curcio (Stomachal Corrosion, ex - Ostia Podre).

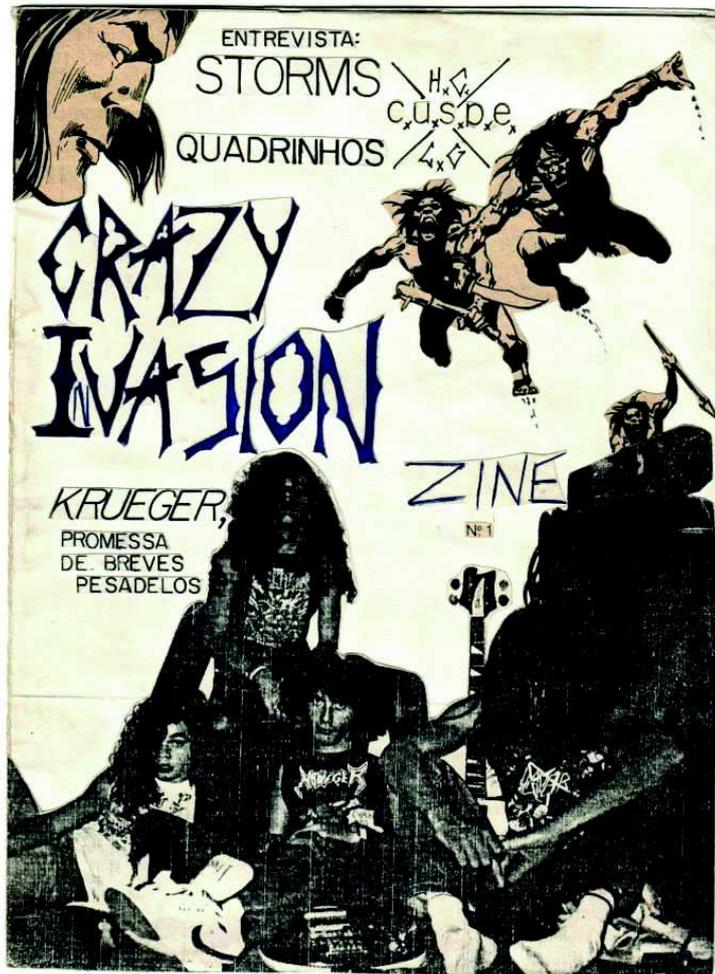


Figura 16 Capa da primeira edição da zine Crazy Invasion (1990).

Era grande a importância que uma fanzine tinha em uma época onde tudo era difícil para manter o *underground* ativo, mas não pensemos que a fanzine *Crazy Invasion* era a única circular em Campina Grande. Outras fanzines eram editadas, e também circulavam fanzines de outros estados aqui na cidade assim como releases de bandas dos mais diversos lugares e cartazes de shows como podemos ver no depoimento de Kedma Villar:

Fim de tarde e todo mundo ia correndo a passos largos para a praça no centro da cidade. Alguns já estavam lá desde o meio-dia. A maioria vinha da escola, outros do “trampo” e outros de casa mesmo. Essa ávida correria era para trocar as mais diversas informações acerca de material, ouvir a nova demo de alguma banda ou simplesmente jogar papo fora e sonhar com a possibilidade, mais que remota, de um dia ver o show do Slayer. Independente do calor que fazia, o visual da galera era o mesmo: jeans extremamente justos enfiados em enormes canos longos brancos, camisetas com os ídolos da época, Death, Bathory, Kreator, Metallica, Anthrax, Possessed, Destruction (geralmente eram pintadas à mão, pois não se tinha acesso a catálogos com facilidade e sempre existia um artista na turma); um “jack” (jaqueta) com um enorme patch nas costas (um dos mais clássicos era o do Exodus, com os bizarros gêmeos bonded by blood); um sem número de bottons; cinto de balas e uma enorme cabeleira. Cada um chegava com alguma coisa nas mãos - fitas cassetes, vinis, pictures (LPs cujos covers eram fotos ou ilustrações), o último fanzine de

Brasília ou de São Paulo, pôsteres, “flyers” de um milhão de bandas do Brasil ou do exterior, e claro, um toca-fitas O cenário descrito acima se repetia diariamente e acontecia em Campina Grande, um dos lugares mais undergrounds da região, a Meca dos *headbangers* tabajaras, na longínqua e discriminada Paraíba. Mas poderia ser em qualquer outra cidadela do Nordeste, pois nele existia uma verdadeira legião de bangers. Todos por volta dos 15 a 20 anos (ROCK MEETING, Ano 2, Nº 19, 2011, p. 27).

A praça descrita no depoimento acima, segundo alguns depoimentos no grupo do Facebook Metal Forces, é a Clementino Procópio situada no centro da cidade entre a Av. Floriano Peixoto, R. 13 de maio, R. Irineu Joffely e a R. Vidal de Negreiros. A praça Clementino Procópio, também conhecida popularmente como “Praça dos Híppies” foi um importante reduto para *underground* campinense<sup>130</sup>, pois geralmente ocorria encontro de *headbangers* provenientes de todos os bairros da cidade, e nesse espaço ocorriam todas as formas de socialização no meio. Notável observarmos que todos iam a caráter, vestidos com os trajes típicos de *headbangers* atenuando ainda mais o sentimento de pertença aquele grupo, Vasconcelos (2015) nos mostra que ser *banger* é frequentar os espaços da cena, frequentar os espaços no fim dos anos de 1980 e início dos anos de 1990 era bastante comum e necessário para ficar por dentro das notícias, dos lançamentos do *underground*.

Em tempos em que o acesso aos materiais era também difícil, o vestuário também era improvisado na medida do possível. Na falta de lojas especializadas que vendessem camisas do gênero a solução encontrada era comprar uma camisa sem estampa e passar para que alguém que soubesse desenhar pintasse a logo ou a arte de algum álbum na camisa<sup>131</sup>, a mesma coisa com os *pacth* das bandas.

A Praça Clementino Procópio não somente desempenhou o papel de encontros para socialização de *bangers*, divulgação de shows através dos cartazes<sup>132</sup>, zines e materiais de bandas mas também para realização de shows, já que a praça conta com um coreto.

---

<sup>130</sup> Até meados de 2011 a praça era bastante frequentada, não só por *headbangers*, mas também por *punks* e outras tribos existentes na cidade, para a famosa “Sexta Cultural na Praça” que ocorria frequentemente nas sextas feiras. Tal evento teve seu início em 2007, porém, com o passar dos anos, o evento foi perdendo a frequência em que aconteciam os shows até seu fim em definitivo. O autor deste trabalho frequentou a praça Clementino Procópio nos dias do evento como também frequentava ela nos dias de sábado entre 2009 e 2011, assim como também o Parque Evaldo Cruz, mais conhecido como Açude Novo, porém a frequência de *bangers* era muito pouca nos dias em que não ocorria evento. Deixamos de frequentar tais locais pela falta de segurança pública, já que estávamos correndo muitos riscos. Atualmente a Praça Coronel Antônio Pessoa, mais conhecida como “Praça da Morgação”, também situada no Centro da cidade, recebe *punks* e *headbangers* numa frequência bem pequena.

<sup>131</sup> Tal prática sem mantém até os dias atuais.

<sup>132</sup> Também conhecidos como Flyer que serve para designar panfletos de divulgação de shows e também de bandas.

### 4.3 Os Shows

E aqui estamos, 35 anos depois que o Black Sabbath tocou a primeira vez a nota do Diabo, e a cultura do metal segue prosperando. Uma nova geração de fãs surgiu, e a velha guarda segue resistindo. Mas empreendi esta viagem para responder uma pergunta: Por que o Heavy Metal tem sido constantemente estereotipado, repelido e condenado? E o que tenho claro, é que o metal confronta o que preferimos ignorar, celebra o que muitas vezes renegamos, e é indulgente com aquilo que mais tememos. E é por isso que o metal sempre será uma cultura de marginalizados. [...] Desde que tinha 12 anos, tive que defender meu amor pelo Heavy Metal contra quem o classificasse de forma de música “barata”. Minha resposta agora é que ou o sente ou não. Se o Metal não te provoca essa envolvente sensação de poder, e não faz com que se arrepiem os cabelos da nuca, talvez nunca o compreenda. E sabe o que mais? Tá tudo ok. Porque, a julgar pelos 40.000 metalheads que me rodeiam, estamos bastante bem sem você (DUNN; FAYDEN, 2006).

A fala de Sam Dunn acima em seu documentário “Metal: A Headbanger’s Journey” com imagens do festival dele mesmo circulando no festival do Wacken Open Air, considerado o maior festival de *Heavy Metal* do mundo, resumem o sentimento que a maioria dos *bangers* tem. A sensação de poder, o arrepio na nuca são reflexos daqueles que realmente encontram no Metal a sua forma de se expressar e agir, e quando se trata de um show ou festival é que todas as energias em torno dessa cultura se externalizam, amizades são feitas, informações são trocadas.

O espaço onde ocorre o show de *Heavy Metal* não é simplesmente um local para entretenimento, mas sim para a prática de muitas outras coisas em questão dentro do *underground* e até mesmo do *mainstream*. Por isso esse tópico se dedica à análise dos cartazes de shows que aconteceram na cidade de Campina Grande, e também em outras cidades do Nordeste.

É bastante importante deixar claro que todas as fontes utilizadas para a construção deste tópico não simbolizam a totalidade de shows ocorridos em Campina Grande ou que envolvessem as bandas campinenses em outras cidades no período entre 1985 a 1995, mas são bastante significativas, pois mostram que as bandas campinenses participaram de eventos com grandes nomes do Metal nacional e internacional, a exemplo do *Kreator* em nível nacional, *Chakal* em Sepultura a nível nacional.

A fonte mais antiga de divulgação de shows em que houve uma participação de bandas campinenses que foi encontrada na pesquisa é do dia 23 de maio de 1987, um evento denominado “Encontro de bandas Punk & Metal” que foi realizado no teatro Lima Penante que teve a participação do *Nephastus*. E, como o nosso recorte temporal vai até o ano de

1995, a última fonte é datada do dia 03 de novembro de 1995 no bar Barbárie<sup>133</sup> em Campina Grande, em um show com a participação do Iron Maiden cover e *Stomachal Corrosion*.

Não foi encontrada nenhuma fonte que mostre alguma banda campinense fazendo shows fora da região Nordeste, mas as fontes deixam claro que havia um constante diálogo entre a cena campinense e o resto da cena nordestina já que, das fontes coletadas, teve participações de bandas de Campina Grande em cinco shows em João Pessoa, quatro em Recife (PE), um show em Caruaru (PE), um em Fortaleza (CE) e um em Maceió (AL). Bandas de algumas dessas localidades citadas e também de outras como do estado do Rio Grande do Norte e Sergipe vinham para Campina Grande tocar em eventos, essa conexão entre as diversas cenas nordestinas criou um ciclo muito forte e é natural que relações de amizade fossem construídas. O Grupo Metal Forces no *Facebook* não é somente um grupo de pessoas que fizeram parte do *underground* paraibano, mas existem membros de outros estados que fazem parte e viveram aquela época. Toda essa interação entre as cenas não se dava só por meio de shows, a lógica de um show *underground* é mais pessoal do que um show *mainstream*, enquanto as bandas do *mainstream* se hospedam em hotéis durante o período em que vão ficar na cidade onde vai acontecer o evento, no subterrâneo as bandas geralmente se hospedam na casa dos produtores dos eventos ou de amigos que já mantém uma comunicação a mais tempo, isso também ocorre com pessoas que venham de outras cidades para assistir a tais shows.

Esse constante fluxo entre as cenas locais serve como uma rede de compartilhamento de vivências que cada cidade que faz parte desse ciclo possui em particular. Logo, esse constante fluxo de experiências acabam adentrando no cotidiano dos sujeitos que fazem parte de uma determinada tribo, ocorrendo a assimilação, e assim formando novas identidades dentro da própria cena naquilo que Stuart Hall (2006) chamou de “hibridismo”.

Os locais para a realização desses eventos na cidade de Campina Grande iam desde espaços privados a públicos, como por exemplo, no dia 24 de maio de 1988<sup>134</sup> aconteceu o “I Rock Concert Death Metal”, o local escrito no cartaz era “Dimensão” se referindo ao Colégio e Curso Dimensão uma importante escola particular que existiu na cidade, e os dois shows que foram realizados na Pirâmide do Parque do Povo, o primeiro no dia 19 de dezembro de 1992<sup>135</sup> chamado de “1º C. G. Corpse Grinder Festival” e o segundo realizado no dia 02 de

<sup>133</sup> O bar ficava situado no bairro da Palmeira. Informação cedida por Charlie Curcio em conversa informal.

<sup>134</sup> A informação sobre o ano do acontecimento desse evento foi obtida através de comentários no Grupo Metal Forces.

<sup>135</sup> O prefeito da cidade na ocasião era Cássio Cunha Lima já em final de mandato.

abril de 1994<sup>136</sup> chamado de “2° C. G. Corpse Grinder Festival”, ambos os eventos além de receberem apoio de empresas particulares, também foram agraciados com o apoio da Secretaria de Educação e Cultura Departamento de Cultura. Outros locais do âmbito público e privado também foram utilizados para shows em Campina Grande, entretanto um que merece destaque é o Bar da Beta:

Nos idos anos de 1990, na cidade de Campina Grande, Paraíba, um grupo de amigos, formadores de bandas, editores de fanzines, bebedores de cachaça na Praça Clementino Procópio e no Bar do Guarabira (ou Bar Guabiraba), viviam de produzir seus meios de se mostrarem ativos no meio underground da cidade. Chegou a um ponto que praticamente todo mundo desta galera tinha banda. Desta época surgiram nomes como: Nephastus, Diarrhea, Devastator, Interitus, CUSPE, Mortífera, Krueger, StomachalCorrosion, Abaddon, Ultra Violent, Insania, Lock Heed, Mind Grind, Caveira, Óstia Podre, Morbdus. Com tanta produtividade sonora havia sempre a necessidade de arrumar lugares para que todo este pessoal se apresentasse. Alguns shows foram realizados em casas conhecidas, outros iam sendo debutados com shows das bandas de CG (Campina Grande) e das cidades vizinhas, como Caruaru, Recife, Natal, Fortaleza, Areia, João Pessoa, e outras. Numa destas buscas por novos lugares, o fundador da banda Óstia Podre (é, é sem o H mesmo, Óstia... pra ser o mais podre possível), Aluizio Guimarães, teve contato com um lugar perto de uma serigrafia onde ele trabalhava, à Avenida Presidente Getúlio Vargas. Era um bar muito modesto, pequeno, simples demais mesmo. Alguns poderiam até classificá-lo como "copo sujo", mas não quero cometer esta injustiça.

O nome: Bar da Beta. Alusão óbvia à dona do recinto, uma senhora morena clara, cabelos curtos, gordinha e muito risonha. Aluizio ia ao Bar da Beta para fazer os lanches diários, tomar um refri e dar uma descansada do trampo na serigrafia. Numa destas ele pergunta à Beta o que tem além do corredor que levava ao banheiro, que ficava à esquerda de quem ia em direção ao corredor. Não tinha como uma pessoa que apenas frequentava a parte da frente do bar, saber o que havia ali, devido ao grande escuro que imperava além do corredorzinho, de uns dois metros de extensão apenas. A dona do bar responde que é apenas um depósito, onde ela deixava uns engradados de garrafas vazias e outras coisas do bar, mas que lá não tinha luz, e circulavam muitos ratos, baratas, aranhas e o que mais estivesse por ali. Nosso amigo pediu permissão para dar uma olhada. Beta permitiu e, depois de trazer uma lanterna, Aluizio entrou no lugar. Era um ambiente de uns seis a sete metros de comprimento com uns quatro de largura. Adentrando até o final, ele percebe uma pequena elevação, como um degrau que levava a um tipo de quarto, com uma profundidade de uns três metros e os mesmos quatro de largura. O acesso a este pequeno quarto elevado, de uns cinquenta centímetros, havia uma pequena passagem do tamanho de uma porta, mas sem a mesma. O cheiro era forte de urina e poeira, mofo, e a umidade tomava conta do lugar. Não havia ponto de luz em lugar algum... Breu total, apenas aliviado pelo feixe de luz da lanterna.

Ao sair do lugar e voltar para a parte da frente do bar, Aluizio conversa com Beta sobre arrumar uma maneira de revitalizar o lugar. Se ela permitiria que ele e seus amigos (nós todos) transformassem o lugar em um espaço. Todo material e mão de obra seria fornecido pelo pessoal das bandas e amigos, a dona do bar não gastaria e nem faria nada. Em troca ela teria um movimento muito bom de venda de bebidas e tira gostos nas noites de shows. Ela relutou um pouco, afinal o ponto era alugado e o proprietário deveria ser consultado e tudo mais. Na conversa, Aluizio conseguiu convencer Beta de que não era preciso comunicar nada ao dono do lugar, afinal de contas nada seria mexido e o que seria feito era apenas uma reforma para melhor numa parte do lugar que não

<sup>136</sup> O prefeito da cidade na ocasião era Félix Araújo Filho.

estava servindo pra nada, além de juntar poeira, ratos e umidade. Assim, Beta permitiu que fosse feita a tal reforma no lugar (CURCIO, 2014, < <http://charliecurcio.blogspot.com.br/2014/10/bar-da-beta-campina-grandepb-1990.html>. >)

O Bar da Beta é um exemplo de um espaço privado que foi resignificado para a prática de shows de *Heavy Metal*, pois ele foi reformado com a ajuda dos próprios *bangers* da cena, mesmo com uma curta duração, afinal o bar só recebeu dois shows e algumas gigs e depois foi entregue ao donatário do espaço, o bar simboliza a luta em que os *headbangers* tinham pela busca de locais para que pudessem realizar as suas apresentações, um local que fosse voltado para esse tipo de música. O trecho acima demonstra um caráter muito importante que foi observado por Oliveira Junior (2011) ao analisar o *Heavy Metal* em Brasília, a grande maioria do público de um show é composta de músicos, fazendo, assim, do *Heavy Metal* um gênero tocado por músicos para músicos e que também se repetia em Campina Grande: o fato de que grande maioria das pessoas que faziam parte do *underground* campinense possuía uma banda ou sabia tocar algum instrumento.

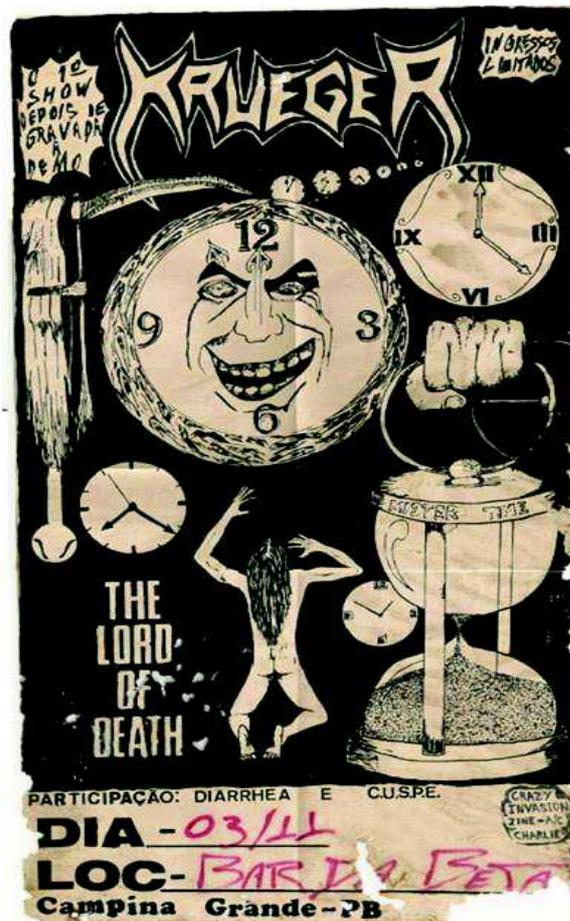


Figura 17 Cartaz do Primeiro show no Bar da Beta<sup>137</sup>.

<sup>137</sup> Disponível no grupo *Metal Forces* do Facebook.



Figura 18 Segundo show e ultimo no Bar da Beta<sup>138</sup>.

O C.E.U. (Clube dos Estudantes Universitário)<sup>139</sup> situado às margens do Açude Velho, nas proximidades do Parque da Criança, também foi um espaço muito importante para a realização de shows de Metal na cidade<sup>140</sup>, nossas fontes mostram que ocorreram dois shows no C.E.U., um em 28 de julho de 1990 denominado de “1º Encontro Consciente”, entretanto com uma maior presença de bandas de *Hardcore* e *Punk*. O outro show realizado no C.E.U.

<sup>138</sup> *Idem*.

<sup>139</sup> Atualmente conhecido como C.U.C.A (Centro Universitário de Cultura e Arte).

<sup>140</sup> Até 2013 o espaço do C.U.C.A. era utilizado para shows.

ocorreu dois anos antes, mais precisamente no dia 19 de Março de 1988, o show do Sepultura<sup>141</sup>.

O show do Sepultura se tornou uma lenda dentro de Campina Grande por um tempo até que a constatação veio com o compartilhamento do cartaz do show no *Facebook* em 2012, logo o que era lenda se tornou verdade. O show que foi organizada pela “Produção Gota Serena” contou além do Sepultura, com as bandas *Nephaustus*, de Campina Grande e Restos Mortais, de João Pessoa. O Sepultura nessa época estava em turnê do álbum *Schizophrenia*, lançado em 1987, este show é o segundo<sup>142</sup> com Andras Kissner<sup>143</sup> na guitarra. A formação ainda contava com os irmãos e fundadores do Sepultura Max (Vocal e Guitarra) e Igor Cavalera (Bateria) e Paulo Jr. (Baixo), com essa formação anos mais tarde a banda atingira um sucesso comercial. O show foi marcado pelo famoso roubo da jaqueta de Igor Cavalera<sup>144</sup> e também por um cartaz que fazia um trocadilho com o evento: “Compre já a sua SEPULTURA e tenha seu lugar garantido no CEU”. O show com o apoio da loja Ecs-Maluketti<sup>145</sup>, que também ajudou na produção da demo *Depressive Dementia* de 1990, do *Nephaustus*. Tal show não somente marca Campina Grande na rota de shows de grandes bandas do *underground*, mas também a importância que as bandas campinenses tem.

---

<sup>141</sup> Banda de Death/Thrash Metal mineira formada em 1984. Considerada a maior banda de Metal brasileira, alcançou o seu sucesso comercial nos anos de 1990.

<sup>142</sup> O primeiro foi em Caruaru em 1987.

<sup>143</sup> No dia 12 de setembro de 2010, no Festival Sun Rock em João Pessoa, ocasião em que o Sepultura tocava Andreas falou do show que tinha tocado em Campina Grande, para alívio dos *Headbangers* campinenses presente na ocasião.

<sup>144</sup> Informação bastante difundida entre os *bangers* de Campina Grande.

<sup>145</sup> A loja atualmente vende camisas de bandas de *Heavy Metal*.

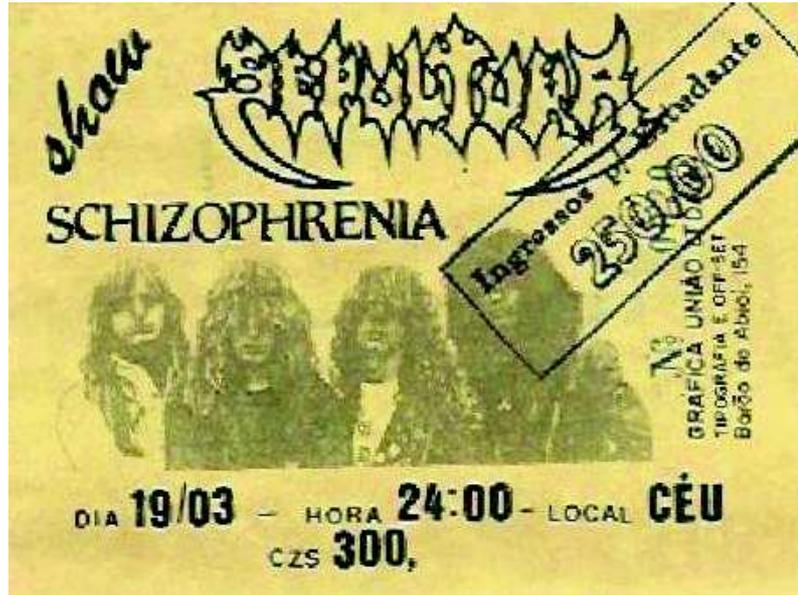


Figura 19 Ingresso do Show do Sepultura em Campina Grande<sup>146</sup>.



Figura 20 Cartaz principal do Show do Sepultura em Campina Grande<sup>147</sup>.

<sup>146</sup> Disponível em: < <http://cgretalhos.blogspot.com.br/2012/06/propagandas-do-passado-sepultura-em.html#.Vmb4udIrLIU> >

<sup>147</sup> Idem.



Figura 21 Cartaz secundário do Show do Sepultura em Campina Grande<sup>148</sup>.

Outros dois shows importantes para o *Heavy Metal* campinense aconteceram na capital pernambucana, Recife desde os anos de 1990 se mostra como uma importante rota para shows de bandas nacionais e internacionais, e a cidade foi palco de dois shows importantes para a construção desse trabalho. O primeiro não possui data, mas possivelmente aconteceu em 1990<sup>149</sup> na cidade do Recife em que teve a participação da *Mortífera* abrindo para a banda mineira *Chakal*<sup>150</sup>, uma das grandes bandas do Metal brasileiro, o curioso é que no cartaz de divulgação do evento a *Mortífera* apresentada como uma “banda feminina” e não pertencente à sua linha musical, no caso o *Death Metal*.

<sup>148</sup> Pertencente ao acervo do grupo *Metal Force* no Facebook.

<sup>149</sup> Tendo em vista que era a turnê do disco “*The man is his own Jackal*” lançado em 1990.

<sup>150</sup> Banda de *Thrash Metal* formada em 1985.

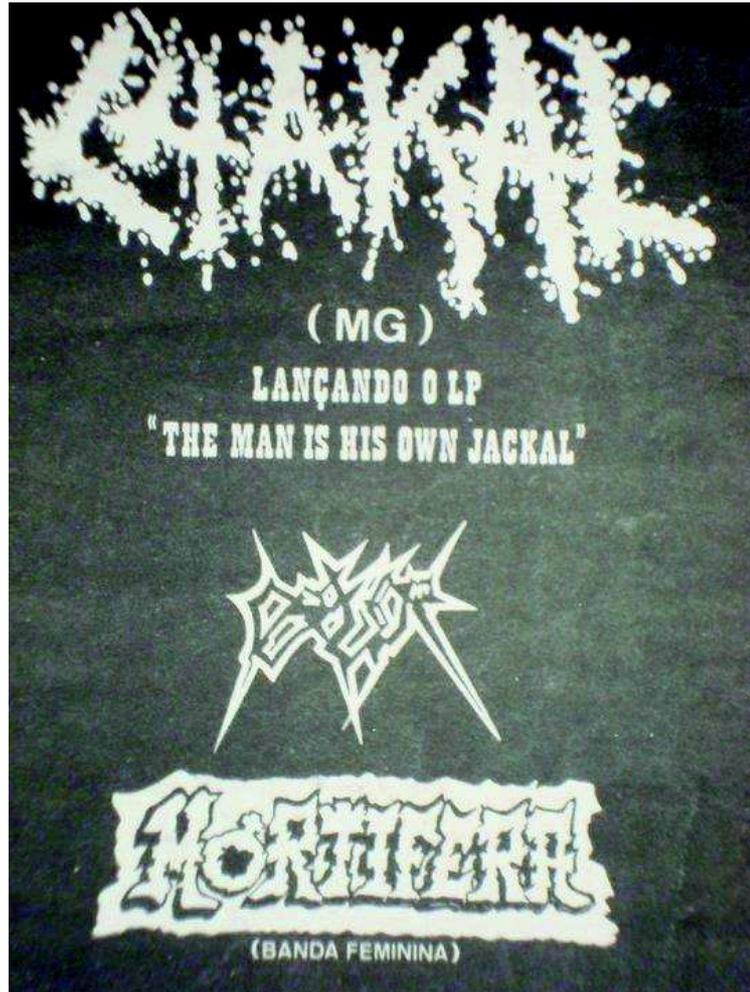


Figura 22 Cartaz do Mortífera abrindo para Chakal em Recife<sup>151</sup>.

Por fim um dos shows muito significativos os *headbangers* de todo o Nordeste e que teve a participação do *Nephastus*, no dia 18 de abril de 1992<sup>152</sup> desembarcava em terras nordestinas a banda de *Thrash Metal* alemã *Kreator*<sup>153</sup>. Tal show tem muito significado, pois as bandas de *Thrash Metal* alemãs, em especial o *Kreator*, *Sodom*<sup>154</sup> e *Destruction*<sup>155</sup>, influenciaram a sonoridade das bandas brasileiras, principalmente no que se refere ao “peso” das músicas e das letras, a sonoridade mais “suja”<sup>156</sup>, vocais mais rasgados e, claro, as letras cantadas predominantemente em inglês.

<sup>151</sup> Disponível no grupo *Metal Forces* no *Facebook*.

<sup>152</sup> Nesse ano a banda alemã *Kreator* fez uma turnê pelo Brasil.

<sup>153</sup> Banda que surgiu em 1984, uma das mais importantes do gênero no mundo.

<sup>154</sup> Banda de *Black/Speed/Thrash Metal* que surgiu em 1981.

<sup>155</sup> Banda de *Thrash Metal* que surgiu em 1982.

<sup>156</sup> É importante frisar que dentro do *underground* alguns adjetivos assumem o sentido contrário, principalmente em gêneros como o *Thrash Metal*, *Death Metal* e o *Black Metal*, por exemplo, quanto mais “sujo” ou “podre”, no sentido audível, significa que está bom.

**ROCK XPRESS APRESENTA**

# **KREATOR**

(ALEMANHA)

**SÁBADO 18 DE ABRIL 21h**  
**CLUBE NÁUTICO CAPIBARIBE**

**PARTICIPAÇÃO ESPECIAL**  
**NEPHASTUS**

**INGRESSOS:** 

**PATROCÍNIO**

|  |  |
|--|--|
|  <b>PITÚ</b><br>O APERITIVO DO BRASIL |  <b>ANTARCTICA</b>                   |
| <b>JORNAL DO COMMERCIO</b>   |  <b>PETARDS</b><br>O JORNAL DO ROCK! |
|  <b>89 A RÁDIO ROCK</b>               | <b>FLOR DE CHEIRO</b>  |
| <b>HOTEL DO SOL</b>  | <b>PIZZARIA</b>  |

Figura 23 Cartaz do show do Kreator em Recife com a participação do Nephastus<sup>157</sup>.

Tal show, uma das marcas da importância de uma banda que surgiu numa cidade do interior do Nordeste com uma cena ainda emergente, simboliza a força que o subterrâneo de uma cidade, construído com um esforço coletivo daqueles que queriam manter o *underground* ativo, desde a circulação de fanzines, organizando shows, montando bandas ou até mesmo no caráter de público que contribui com a compra de materiais de merchandising das bandas. Logo, tais fatos são indicativos de que mesmo um movimento emergente e marginalizado pela sociedade, o *Heavy Metal* e seus subgêneros no âmbito *underground* se mantêm firmes contra todas as adversidades existentes, e tal fez com que Campina Grande tivesse uma das cenas *underground* mais respeitadas do Brasil.

<sup>157</sup> Pertencente ao acervo do grupo *Metal Forces* no Facebook.

## 5 CONCLUSÃO

Neste trabalho vimos o desenvolvimento do *Heavy Metal* frente à realidade da cidade de Campina Grande entre os anos de 1985 e 1995 no contexto de uma localidade ainda permeada por uma visão de mundo cristã pela maioria de seus moradores e que alguns jovens acabam abraçando uma manifestação cultural ainda emergente no país.

O *Heavy Metal* desde seu primórdio foi reprimido e jogado à marginalidade, mesmo atingindo um status de uma das formas musicais mais populares na década de 1980, o Metal foi julgado por ser algo ruim por mentes conservadoras, mas sempre resistiu e dentro do *underground* a resistência encontrou adeptos fieis e dispostos a manter o Metal vivo dentro de qualquer realidade social existente.

O *underground* campinense do *Heavy Metal* foi uma dessas forças resistentes no período acima citado, onde jovens se empenhavam na luta constante de um espaço para tocar, para lançar uma demo ou mesmo editar uma fanzine dando luz a uma cena ainda embrionária e que se tornaria anos mais tardes numas das mais respeitadas do Brasil, mesmo que a cidade ainda continue sendo lembrada pelos festejos do São João.

A chegada do *Heavy Metal* no Brasil se dá em uma conjuntura de um país em um fim de uma ditadura que durou pouco mais de vinte anos, e que por consequência desse regime o *Rock n' Roll* sofre a repressão da censura da ditadura e também sofre críticas por parte de artistas da esquerda brasileira, que acreditavam que a guitarra era um símbolo do imperialismo americano, restando poucos artistas que produzissem o *Rock n' Roll* em terras brasileiras.

Além disso, em consequência da ditadura o acesso à informação era difícil, assim como o acesso a instrumentos de qualidade também era uma realidade constante, logo em decorrência das cenas locais brasileiras ainda tinham um caráter embrionário, enquanto em países como Estados Unidos e Inglaterra o *Heavy Metal* já era um movimento cultural que habitava o campo do *maistream*

Com o festival do *Rock in Rio* o *Heavy Metal* se tornou conhecido, pois o festival levou um enorme número de *headbangers*. Nunca se imaginou que existissem tantos fãs do gênero no país, grande maioria proveniente do estado e da cidade de São Paulo, e em consequência desse festival um grande número de fãs surgiu em todo o território, nascendo assim as cenas locais, e uma delas foi a de Campina Grande.

O aspecto globalizante em que o *Heavy Metal* é envolvido e a força que as diversas mensagens que as bandas passam ao seu público geram um sentimento de união entre os

*headbangers*, mesmo que essa união tenha sido questionada por diversos *bangers* que acreditem que não existe união no Metal, fazem com que a manutenção dessas cenas locais ainda seja, até os dias atuais, o principal foco dentro dos sujeitos que a compõem.

Não diferentemente, em Campina Grande percebemos que essa atividade em prol do *underground* fez com que muitos sujeitos tivessem suas bandas, fanzines, distros, ou que de alguma forma contribuíssem para o *underground* na condição de fã, colaborando para a manutenção dessa cena, funcionando dentro de uma lógica das relações afetuais, no compartilhamento de todo os tipos de experiências com aqueles que faziam parte do meio. Ao fazer parte do *underground* o sujeito se sente responsável pelo cumprimento de um papel para que a cena se mantenha ativa e forte, não somente expondo características visuais e nomenclaturas ao seu respeito, mas principalmente através da ação difícil e diária de ser um *headbanger*, enfrentando qualquer barreira de preconceito ou de falta de informação para manter-se dentro do meio.

## REFERÊNCIAS

CARDOSO FILHO, Jorge Luiz Cunha. *Música popular massiva na perspectiva mediática: estratégias de agenciamento e configuração empregadas no heavy metal*. 2006. 142 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2006.

CAMPOY, Leonardo Carbonieri. *Trevas na Cidade – o underground do metal extremo no Brasil*. 2008. 270 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2008.

*Crazy Invasion*. Campina Grande, s/a, N°5, s/d; s/a, N° 6, 1992; Ano 2, N° 7, s/d.

CURCIO, Charlie. *Stomachal Corrosion – La Teroro Estas Viva!* 2009. Disponível em: < <http://charliecurcio.blogspot.com.br/search?updated-min=2009-01-01T00:00:00-08:00&updated-max=2010-01-01T00:00:00-08:00&max-results=3> > Acesso em: 09/12/2015.

\_\_\_\_\_. *Bar da Beta*. 2014. Disponível em: < <http://charliecurcio.blogspot.com.br/2014/10/bar-da-beta-campina-grandepb-1990.html> > Acesso em: 10/10/2015.

DUNN, Sam; MC FAYDEN, Scot. *Global Metal*. S/L Warner, 2008, Documentário. 2 DVDS.

\_\_\_\_\_. *Metal: A Headbanger's Journey*. S/L Warner, 2006, Documentário. 2 DVDS.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva & Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

\_\_\_\_\_. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu. (Org.). *Identidade e diferença – a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 103-133.

LEITE LOPES, Pedro Alvim. *Heavy Metal no Rio de Janeiro e dessacralização de símbolos religiosos: a música do demônio na cidade de São Sebastião das Terras de Vera Cruz*. 2006. 204 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2006.

MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

NAKAMURA, Sandra. *Machinassiah: heavy metal, alienação e crítica na cultura de massa*. 2009. 234 p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2009.

OLIVEIRA JUNIOR, Marcos Vinicius. *Do underground ao mainstream: uma etnografia do Heavy Metal em Brasília*. 2011. 78 f. Monografia (Antropologia) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, Brasília. 2011.

PONTES, Everaldo; LIRA, Bertrand. *Tá sentido cheiro de queimado aí?*(parte 1). 1988, Documentário. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=lcXy23-JUWs> > Acesso em: 31 de agosto 2015.

\_\_\_\_\_. *Tá sentido cheiro de queimado aí?*(parte 2). 1988, Documentário. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=NzkZlKs7yAQ> > Acesso em: 31 de agosto 2015.

\_\_\_\_\_. *Tá sentido cheiro de queimado aí?*(parte 3). 1988, Documentário. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=R6sVR2P088M> > Acesso em: 31 de agosto 2015.

RETALHOS HISTÓRICOS DE CAMPINA GRANDE. *Propagandas do passado: “Sepultura” em Campina Grande em 1988.* Disponível em: < <http://cgretalhos.blogspot.com.br/2012/06/propagandas-do-passado-sepultura-em.html#.Vmb4udlrLIU> > Acesso: 11.10.2015.

REVISTA MERDA. Campina Grande, N° 1, s/d; N°3, s/d.

*Rock Meeting.* Maceió, Ano 1, N° 2, 2009 ; Ano 2, N° 19, 2011.

RODLEY, Chris. *Heavy Metal Britannia.* Reino Unido: BBC, 2010, Documentário.

SABBAGA, Julia. *A história do Heavy Metal no Brasil: a explosão em Belém do Pará.* 2012. Disponível em: < <http://whiplash.net/materias/biografias/170230-stress.html> > Acesso em 6 de outubro de 2015.

SARTORETO, Filipe; FONSECA, Grecielle; CÂMARA, Rafael Sette. *Ruído das minas.* Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, 2009, Documentário. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=8EEGZUz2jI0> > Acesso em: 23/01/2016.

SARKIS, Thiago. *A polêmica origem do termo Heavy Metal.* 2004. Disponível em: < <http://whiplash.net/materias/biografias/000706.html> > Acesso em 4 de outubro de 2015.

SILVA, Jaime Luis da. *O heavy Metal na revista Rock Brigade: aproximações entre jornalismo musical e identidade juvenil.* 2008. 128 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2008

SILVA, Sonielson Juvino. *Raul Seixas e a Modernidade: uma viagem na contramão.* Campina Grande: Latus, 2014.

SILVA, Wlisses James de Farias. *Incômodos perdedores: o heavy metal no Brasil na década de 1980.* 2014. 160 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2014.

VH1. *Heavy: a história do metal – parte 1, bem-vindo ao meu pesadelo.* 2006. Documentário. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=dGUel1fp-rqI> > Acesso em 10 de junho de 2015.

\_\_\_\_\_. *Heavy: a história do metal – parte 2, metal inglês*. Documentário. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=Kx3OVK7xjvo> > Acesso em 10 de junho de 2015.

\_\_\_\_\_. *Heavy: a história do metal – parte 3, estilo mórbido*. Documentário. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=3Y6Irb0Uz8> > Acesso em 11 de junho de 2015.

\_\_\_\_\_. *Heavy: a história do metal – parte 4, caça ao falso metal*. Documentário. Disponível em: < [https://www.youtube.com/watch?v=A6lNdG\\_7RWs](https://www.youtube.com/watch?v=A6lNdG_7RWs) > Acesso em 12 de junho de 2015.

VASCONCELLOS, Victor. *A Geografia do subterrâneo: um estudo sobre a espacialidade das cenas de Heavy Metal do Brasil*. Novas edições acadêmicas, 2015.

## **Discografia:**

### **Black Sabbath**

LP, *Black Sabbath*, Vertigo: 1970.

### **Coven**

LP, *Witchcraft Destroys Minds & Reaps Souls*, Mercury: 1969.

### **Hapshash & The Coloured Coat**

LP, *Featuring the Human Host and the Heavy Metal Kids*, Minit Records: 1967.

### **Mortífera**

Cassete, *Demo ensaio*, 1989.

### **Nephastus**

Cassete, *Your Inside in Flames*, 1988.

Cassete, *Depressive Dementia*, 1990.

LP, *Tortuous Ways*, Whiplash Records: 1991.

CD, *Tortuous Ways*, Rising Records: 2013.

### **Ostia Podre**

Cassete, *Demo ensaio*, 1991.

**Raul Seixas**

LP, *Novo Aeon*, Philips Records: 1975.

**Steppenwolf**

LP, *Steppenwolf*, MCA: 1968.

**Sítios consultados:**

<http://bordeldorock.blogspot.com.br/>;

<http://cgretalhos.blogspot.com.br/>;

<http://www.mortesubita.org/>;

<http://www.metal-archives.com/>;

<https://myspace.com/nephastusband/>;

<http://www.tenhomaisdiscosqueamigos.com/>;

<http://www.vandohalen.com.br/>;

<http://whiplash.net/>;

<http://www.youtube.com/>.